

PATOMACHO

DECLASSIFICADOS

Luis Fernando Veríssimo

DISCO

Vale a pena conhecer as dicas do Caetano Veloso. Elas estão num disco tri-legal que a Abril Cultural já tocou nas bancas. Mas pra curtir melhor eis as opiniões do próprio Caetano sobre o 22º fascículo da "História da Música Popular Brasileira", que conta toda a sua vida a cores e traz um elopé com 8 sucessos do mais ilustre filho de Santo Amaro da Purificação:

1) Escutem Bethânia cantando É de Manhã. É por causa de coisas assim que eu a considero um verdadeiro irmão.

2) Não é por estar na minha presença, mas este fascículo conta coisas da minha vida que até Dedé duvida.

3) É fog, minha gente. Eu equi em Londres e minha vida e minhas músicas aí nas bancas. Guí! (suspiro dorido em inglês).

4) Eu não gosto do Tomaz cantando a Irene. Sabe como é, e Irene é minha irmã.

5) Quem canta Não Identifico é a Gal. Não sei como é que conseguiram identificar.

6) Nara Leão cantando Além do Trás Elétrico é um lixo.

7) O disco ainda tem Trepalça. No dia em que eu vim pra embora, Saudade e Alegria, Alegria, todos por mim mesmo.

BARATO PÁGA

Tem gente ainda dizendo que eu como mal e caro no Portinho; verdade pra quem não sabe procurar. Olhe aí só, com 10 contos comem dois (e bem) no PAGODA. Por uns dois ou três a mais se come na CANTINA ROMA (naquela rua em frente à Brasília). Mas se o problema não for grana e sim qualidade continue preferindo o Fiorista Negra e os filés do Barçaça.

IMBITURA

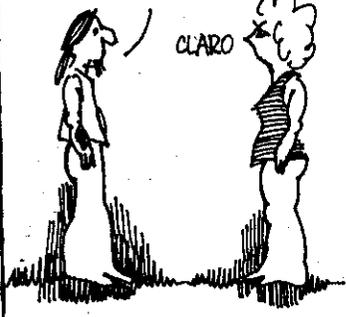
A única praia do Brasil onde existe o verdadeiro FOG londrino é imbitura em Santa Catarina, também conhecida por capital da fumaça e do surf. Além disso é lá que se encontram os espécimes mais lindos do sexo masculino: Fernando Seifon, Roldão Resner Arató, (cf. Elisa Cassen), Marco Pinto Ribeiro, etcetera e tal.

TENDA

Coca-Cola, cervejinha, revistas e livros, poster do Magadan, tônicas e presentes. Tudo isso e ainda o indefectível PATO MACHO, todas as quartas, estão na Tenda do Arx, o único drug-store do portinho. Não pór fora de mão mas por dentro em bossa. José do Patrocínio quase Borges de Medeiros. Ao lado da Boutique da Miss Universária. ODETE GALVÃO

A "Associação dos Ex-Desfilantes da Cabana do Turquinho" pede encarecidamente um suplemento dominical do Pato Macho. Lá vai uma idéia "A Marrequinha". Suplemento este que gostaríamos fosse dedicado a cãs se. Rubina, Queca e Luísa Felipe.

ESSE NEGÓCIO DE DOIS SEXOS JÁ ERA



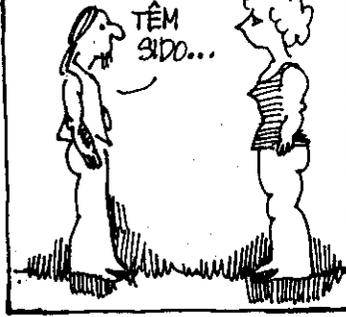
UNISEX É A ONDA



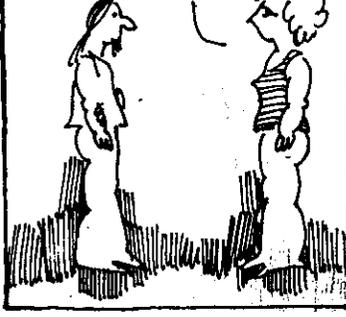
EU POR EXEMPLO NÃO DIFERENCIO



ULTIMAMENTE MINHAS MELHORES EXPERIÊNCIAS



SABE QUE AS MINHAS TAMBÉM?



ALIAS, OS NEO-FREUDIANOS DIZEM QUE A ORGANIZAÇÃO GENITAL DA SEXUALIDADE É ABSOLUTAMENTE ARBITRÁRIA! A TENDÊNCIA MODERNA É PARA A "PERVERSIDADE POLIMORFA!"



SIM, SIM. E NÓS MULHERES JÁ DESMASCARAMOS



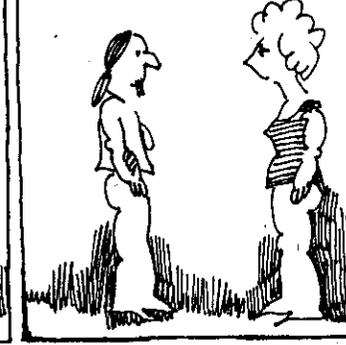
OS MITOS ESTÃO RUINDO. ACABOU-SE A CULPA



ABREM-SE MIL NOVAS POSSIBILIDADES PARA O



ESCUITA, ESTA CONVERSA ME DEU VONTADE. VAMOS



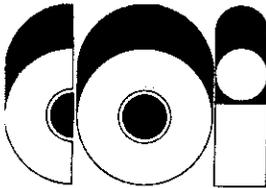
FAZER O QUE?



O telefone tocou quando acabava de ler o artigo do Onofre, Ela o Saxol Fiquet amarrado pela frase final: quando tiram a prapa, resta-nos o quarto. O U-digrudi do Nobre e a trajetória social de seu Pollmar, narrada pelo Tatata, aumentaram meu susto. Depois de entrar e sair da Mônica a coragem de escrever voltou. Ah! o telefone: era a Fabíola, do Rio. Quer que eu volte hoje, amanhã. Quanto antes. A avenida Atlântica pronta, o túnel João dando passagem e o sol a 35º que leva todo mundo à praia da Montanegro. Ela estreou no João Caetano num musical de produção argentina. Até agora o teatro estava sempre lotado. O nosso apartamento no boulevard Bartolomeu Mitre — freite do Antonio's — está quase pronto. Não sei por que ficar enchendo o saco com D'Arrigos, Sgrillos e outros bichos dessa fauna. Pôrto Alegre é muito devagar. Daqui a gente não sai, ou se sai leva meses preparando malas. Como disse o Marcão «a cidade absorve». Mas também deprime, oprime tanto quanto São Paulo. O 2º número do Pato Macho está fechado e eu não consigo sair da primeira frase. O Chico Rocha telefonou pedindo o resto das matérias, pois em máquina alheia tempo é tão caro como na televisão.

O estalo! Bulhufas, o que eu escrever vai sair bom. Lambret do Sergio Renato Rosa: ser Tarso de Castro em Pôrto Alegre é bem melhor do que ser Col Lopes de Almeida no Rio de Janeiro — até certo ponto — eu ficaria se Ipanema fosse Ipanema/ se o Gualba fosse a Lagoa Rodrigo de Freitas/ se o uleques do Butikin tivesse vindo da Escócia e não de Bento Gonçalves/ se a Marly (frente ao Beira-Rio) fosse assim como o Holliday, da Barra, onde a gente entra e sai sem ninguém ficar sabendo com quem/ se a Eliana tivesse os alhos verdes da Fabíola/ se o Alcides Sarvicente não quizesse levar pra cama sempre as mesmas mulheres que eu/ se o Alcindo fosse Pelé e o Grêmio o Santos/ se o Negrinho do Pastoreio tivesse o charme do Saci Pererê/ se existisse um morro em cima do túnel da Conceição/ se por aqui houvesse menos machos e mais homens/ se as garotinhas da Indepê dessem por prazer, não por afirmação/ se Tonho Caldas fosse Ruy Mesquita/ se o que se fuma por aqui chegasse da Bahia, não do Paraguai/ se tivesse mar, gente e cuca, eu ficava. Telefonia para a Varig. O avião já tinha saído. Amanhã eu me mando...

foto Aninha Lopes de Almeida



QUE SACO

EM BUSCA DE CATHERINE

Tudo começou quando conheci a Vera, hoje senhora D'Arrigo. Depois seis vezes Belle de Jour e resolvi aperfeiçoar-me. No ano passado cheguei bem mais perto ao encontrar a Fabíola: antes havia passado pela Alice Hoffmann que de lado é bem bonitinha. A Eliana ainda não é a perfeição: tem a Renata Sarah Madalena/ Nivea/ Malu, mas o Vereza chegou primeiro. Como vêm estou cada dia mais perto da Deneuve. Um dia eu chego lá. Prometo. Ah! Se você tiver olhos verdes (ou azuis), cabelos loiros, for magra e parecida com a Sereia do Missisipi, telefone pra 22.01.08. Poderá ser sua chance de vencer na vida fazendo muita força.

A ARTE DE ATRAIR OS HOMENS

Norte-americano sempre gostou de negócio assim, como fazer amigos, como influenciar pessoas, ou emagrecer em 4 lições... Agora foi a vez de uma secretária dele lá bolar um meio de faturar bilhões. A moça, fundamentada na experiência que o cargo lhe deu, lançou um livro que dá tudo que é dica sobre o comportamento masculino na cama. O Manoel Pedro Reis trouxe 12 livros do Rio e vai entregá-los a 12 meninas. Depois de um mês discutirão e debaterão os pontos duvidosos. No livro tem carinho que nem homem sabe que gosta de receber. O manual é feito especialmente para mulher mas se aprenda paca. Daqui pra frente os machos deste país poderão usar técnicas científicas na cama. O livro ainda não chegou no portinho mas vá logo reservando seu exemplar. É a leitura que faltava em todas as mesas de cabeceira do mundo.

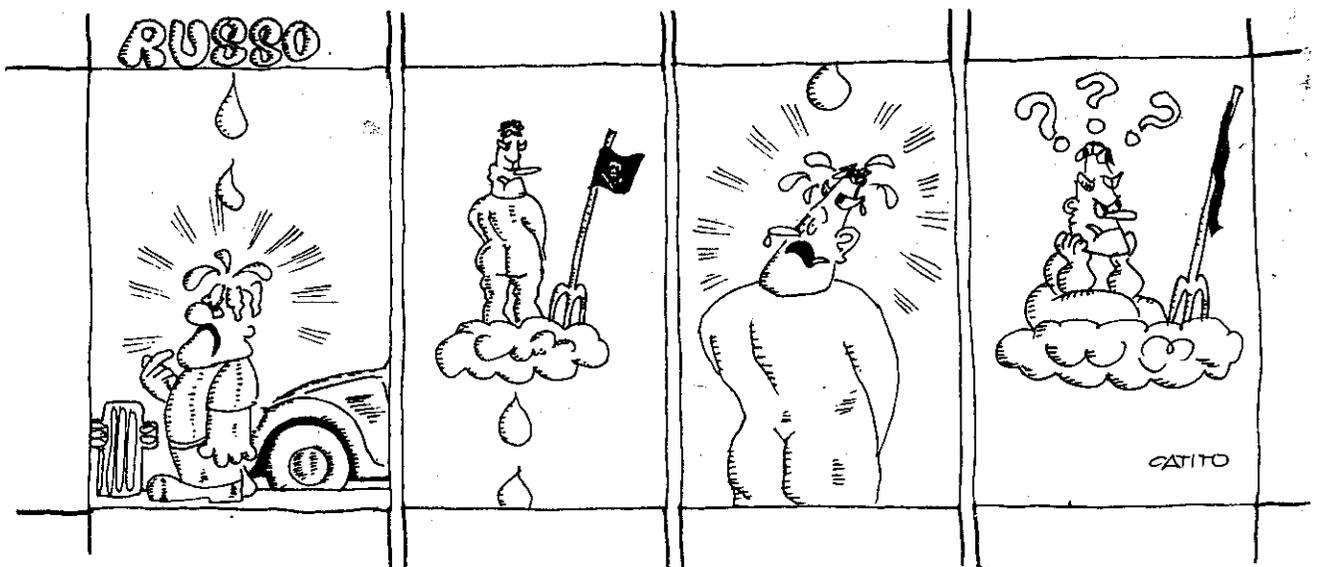
A SENHORA

Decididamente eu não dou sorte com dona Aline Faraco. No tempo do Programinha da Zero Hora não conseguia citá-la: Laurito Shimer encarregava-se de cortar qualquer referência à dita senhora. Agora, no Pato, que é meio meu, o Luiz Fernando Veríssimo curtiu uma de censor. Foi só eu botar Aline no meio do Simandol pra que o risco viesse em forma de «pô! ela é amiga da gente lá em casa, pode dar galho...». Até aí nada de novo, o pior é que em outra referência, o Izidoro, linotipista de ZH, resolveu trocar o n por c e Aline virou Alice. Agora quero ver se não sai: ALINE. Pronto! estou vingado.

QUEREM CASSAR O PASQUALINE

Quem contou foi o Xico Young (é assim ue ele anda assinando), presidente do Centro Acadêmico Arlindo Pasqualine, do jornalismo da PUC. Certamente por isso Carlos Eduardo pegará Winchester/71 e partirá em defesa do nome da família, montado no mini trator que hoje corta pasto pró Teixeira. Acostumado a atirar em faróis de caminhão nas curvas da estrada de Torres, Falsa não terá dificuldade em mirar entre as lentas do Xico. Mas o negócio é tão sério que já foi até proposto e parece que acerto em Assembleia pelos filhos da PUC. O novo nome é homenagem a um coleguinha morto recentemente, não lembro quem. Afinal, disse

o Xico, o doutor Arlindo jamais pisou em nossa faculdade, não é justo... Deixei eu sugerir que batizassem o Centro de Direção Acadêmica Tarso de Castro. Final, querendo ou não, é o de melhor produziu o jornalista provincialiano desde a revolução Farroupilha. Xico argumentou: isso seria impossível; há uma determinação proibindo nomes vivos; parece que só o presidente da República merece tal consideração. Mas isso não seria problema. O Tarso ainda tão ingenuamente que seria capaz de suicidar-se, só pelo prazer de virar Centro Acadêmico na PUC. É um caso pra ser currido pelos futuros escribas da Caldas Jr.



Seu Polimar Silveira e Dona Mari Shirley lançaram mão de uma edição pré-histórica (do vespertino Zero Hora e consultaram Col Lopes de Almeida, o dador das dicas sexo-gastronômicas da noite dos Pampas. — Negrinha vamos dar uma saída diferente hoje, disse Polimar. Mas com uma condição marido: Voltarmos cedo e não gastar demais.

AQUI UMA DECISÃO

— Tá bem! Vamos primeiro no Cine Rey ver Beto Ronca Ferro com o Mazzaropi e depois a gente se manda para o centro. Terminada a sessão das 9,30, Seu Polimar com a gravata torta, Dona Shirley com o rimel derretido de tanto rirem, tomaram o ônibus linha 43 Alvorada — Mercado. Descendo na Parada 69, vislumbraram pela primeira vez, em letras verdes esmeraldinas: VAVERNA, infelizmente não puderam entrar, Dona Shirley estava acompanhada e a casa só permitia senhoritas sem acompanhantes. Subindo a Santo Antônio e, desembocaram na Independência. A ladeira foi forte demais para seu Polimar. Em chegando na Villa Velha, maravilhosamente recebeu o pelo Carlos Heitor, que gritava — A fama de minha nova casa já chegou na Alvorada!

Dona Shirley pediu Guarani, mas servido em taça, guarani em copo, não é coisa de dama! Descansados alguns minutos, Dona Shirley ajeitou a cinta, recém comprada na Marinha Magazines, dirigiu-se então o casal para uma lanchonete mais acima, pois tiveram a atenção voltada por José Mauro que esbravejava — Bondis delentus est — (remember Elpidio Paes, o mais ilustre latínografo dos pampas) Infelizmente os poucos locais disponíveis já estavam tomados por Dona Riada, Dona Elzita, Bardhal et caterva. Súbito uma grande porta vermelha apareceu-lhe pela frente. Que será? Interrogaram-se mutuamente. Não tem nome nem indicação (!?::?) Mas o gentil porteiro, com um riso quase satânico, escancarou-lhes a porta. (Felizmente porteiro — Fernando já era) O novo servo de Rui Sommer, total desconhecedor do pedigree estabelecido por Gasparotto, permitia então a entrada de «qualquer um».

Estranhamente recebidos por um recepcionista que usava um chapéu de bixo-medicina, julgaram-se estar na reunião de algum centro acadêmico. Mas ao ver Toni Transornado na música, Dona Shirley quis retirar-se, pois morria de medo do Negrão que sob o efeito da luz negra apresentava uma bocarra hedlonda.

D. SHIRLEY
MORA NO IAPI,
SE
O GASPAROTTO
DESCONFIAS
SE?



A NOITE DE POLIMAR

— Não toca tango nem bolero aqui, nem sequer Angela Maria ouvi ainda... De repente passa o Alexandre, Dona Shirley sente uma pontada no seio esquerdo, os olhos de Felipezinho Zamprogna enlouqueceram-na, já suave frio quando aparece o Torrada. Seu Polimar pede um Belmonte com ponta, mas só tem Minister com filtro, O Alemão Mano com aquela cabeleira loiríssima lançava reflexo doirados nas paredes,

— Quanto? O que é isso? Uma cuba e um guarani em taça? E que consumação é esta? Bagas de suor já escorriam pelo corpo inteiro de Polimar. Nega me dá aquela nota de cem, que era para o Super-Mercado. Dona Shirley, que sempre guardava o dinheiro no soutem quando ia a locais desconhecidos, de lá sacou aquela nota já amarelada. Aos tropeços galgaram os degraus projetados pelo Milton Mattos. deram com o cartaz «Wanted», e Dona Shirley confundiu o Pantera Negra da FBI com o Negrão da música, apavorada correu até o mais próximo taxi seguida pelo tópego Polimar. — Alvorada, meu, quarto distrito, disse ele ao chofer.



A ESTAS HORAS NEM O SOM CONTINENTAL PRA CONSÓLO

A brumas já submergiam a Praça Júlio, luzes longínquas, como da festa de Magda Rosa, banhavam em tons grisáceos o teto do Esplanada. Marco Aurélio Dornelles recém apagava a luz e começava a sonhar com os bombons de licor que receberia no outro dia...

TATATA PIVIDENTAL

ERRO EM SERVIR PARA O ODONE DASZARIMAR.

TATATA

O único programado visual da cidade. Tá não usa fantasia. Tá não emprega artificios vulgares. Tá, uma legenda em vida, em formol, em compota. Tá é um tragonauta comportado. Tá é o da página central. Tá é Mary Marvel. Tá é. Odette Galvão.

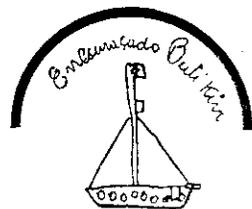
JOAQUIM FONSECA

POIS É,
CAÍ DA
ESCADA...



FLAGRANTE DE SOCIEDADE

Na gravura, como diziam na época, um outro Rui Sommer que não é o de hoje recebe um grupo de gentis senhoritas da nossa sociedade. Vislumbramos, reconhecemos e apontamos a presença de Bety Reverbel, Márcia Adami, Iracema née Reis. As outras, escrevam para o colunista identificando-se.



Private Club
Independência 986

fac



EDITORIAL

A coisa mais engraçada no primeiro número de «Pato Macho» não estava no jornal. Foi a expectativa — melhor dizendo, o pânico — que antecedeu o lançamento do Pato, em toda a cidade. A mãe de um dos nossos redatores chegou a preparar uma lista afilada de pessoas que de maneira alguma poderiam ser glosadas no jornal. Um dos nossos anunciantes em potencial sustou seu anúncio, à última hora, depois que um passarinho mal intencionado cochichou no seu ouvido que a Tradicional Família Gaúcha nunca mais seria a mesma depois do aparecimento do «Pato Macho». Por pouco não foi dobrada a guarda do Palácio do Governo no dia do lançamento, pois a turba, moralmente desnorteada pela licenciosidade do novo órgão, fatalmente marcharia sobre qualquer bastilha, disposta a tudo.

Nada disso aconteceu, como se viu. O Pato Macho não quer abafar ninguém, muito menos solapar a moral ou o regime vigentes. Só quer mostrar que com um pouco de imaginação

e bom humor pode-se fazer — ou tentar fazer — algo de novo e diferente na imprensa da província. A Tradicional Família Gaúcha continua como era antes, o que não é nenhum elogio. Somos corajosamente a favor do governo, qualquer governo, e — destemidos! — aceitamos até subvenção. E se alguma figura dos nossos melhores ambientes se sentiu ofendida por alguma brincadeira, pedimos à figura que examine seu coração, relembre a tradição de folgados tolerância do nosso jovial povo, e nos conceda um divertido perdão. E se continuar ofendido, azar, porque nós não mudaremos.

Não há, portanto, o que temer. Por exemplo. Planejamos publicar, nos próximos números, a verdadeira história das maiores fortunas do Estado, mas quem se sentir ameaçado pelas nossas revelações é só procurar nosso diretor comercial que, com um pouco de persuasão, concordaremos em calar. Mas não aceitamos imposições! Dinheiro, cheques, promissórias, títulos ao portador, sim. Imposições, nunca!



EXPEDIENTE

PATOMACHO

Editor Chefe/Luiz Fernando Verissimo
 Editor de texto/Renato D'Arrigo
 Editor Gráfico/Claúdio Ferlauto
 Redação/Carlos Nobre
 Assis Hoffmann
 Roberto Pimentel
 Planejamento Gráfico/Signovo Ltda.
 Impresso nas oficinas da
 Gaúcha Gráfica Editora S.A.
 Av. Ipiranga 1075

Um jornal da GRAFITTE EDITORA S.A.
 Rua Luciana de Abreu 247, Pôrto Alegre
 Diretor/Sérgio Alves Rosa
 Publicidade/Eloi Celente
 Impacto Representações Ltda.
 Fone 23 7850



TODO CAFONA SERÁ CASTIGADO!

Nada de panos vulgares, homens e mulheres.
 Não caiam nas tentações do baratopaca,
 da moda duvidosa, do lugar-mais-do-que-comum.
 Livrem-se para sempre da curtição
 do inferno do mau-gosto.
 Venham vestir-se na BIER!

Lojas **bier bier**
 feminina

Andradas, 1800
 Uruguai, 119
 Caxias, 119

Charles o NOBRE

SIM, SIM E SO NOTAR A GORDURA QUE PUSA UM BICO FORTE. UM FRANGO CADA VEZ MAIS FRAQUINHO, FRAQUINHO, FRAQUINHO, AHA!

DARA BOTAR ESTE JORNAL NAS BANCAS

EM RESUMO ESTAMOS ASSIM: HOJE EM DIA, QUANDO AGENTE CHAMA UM CARA DE HOMEM, NAO SE RAL O CARA, RESPONDE OFEDIDO: HOMEM E TU!

Pena os Israelenses não disputarem a TAGA DAVIS. Eles são insuperáveis no saque

QUERIDO, O CAMINHÃO DOLIXO ESTÁ AI. — DIZ QUE HOJE NÃO QUEREMOS NADA.



CERTAS MULHERES ADORAM DOURAR A PÍLULA

SUTIL AULA DE HISTÓRIA NA PUC. CONHECIDO PROF., RE FERINDO-SE A UMA PARTICULARIDADE FÍSICA DE ADOLF HITLER, ALIÁS, AGUE LA PARTICULARIDADE QUE MAIS CARACTERIZA OS HOMENS: "ADOLF NÃO POSSUIA MAIS... COMO DIZER?... EN FIM, HITLER ERA UMA ESPÉCIE DE SACI, SÓ QUE NÃO ERA UMA FERNA QUE FALTAVA."

RUA! HIPOTECAMOS MUITO MAIS DO QUE NOSSA SOLIDARIEDADE

POR QUE UM PARAPEITO QUANDO UMA Senhora Gordá senta-se em cima dele NÃO É CHAMADO LOGO DE PARA

BI O tá certo, ta' certo. Um homem prevenido vale por dois. É uma bicha?

PENSAMENTO SOGATE DO COLEGUINHA (de imprensa) PAULO RAYMUNDO GASPARTTO: "BEM FEITO, SE PILATO USASSE LUVAS, NÃO MOLHAVA AS MÃOS. Não aceitaremos provocação. Nem da quele conhecido cronista social, visível e um pouco solúcio) que vendo o nome dos colaboradores contentou: Hum, já vi que o foto não é tão macho assim, não."

EIS O SEXO

JOSÉ ONOFRE

Há duas coisas realmente decisivas, importantes, inadiáveis, urgentes e de difícil equilíbrio na vida de um cara, que são o sexo e o trabalho, pela ordem. O resto (arte, política, mass média, gravata cardin, publicidade, linha de montagem, Henry Ford, Jean Luc Godard, Teixeira, Ezra Pound, asfalto, estribos, chope, relógio, transistor, guerra, criação de galinhas, barbeiros, sindicatos, confessional, divã e pantufas) formam o lixo da espécie, são os fetiches que criamos na tentativa de recuperar uma fertilidade e virilidade, enfim, uma naturalidade diante do mundo que algum macaco nosso avô perdeu quando descobriu que o melhor amor é o de mãe e que a melhor casa era o útero. Este avô anônimo, inteligente e desajustado, é o grande responsável pelo progresso e, que

eu saiba, nenhum governo do mundo desenvolvido lhe fez justiça e deu-lhe praça com estatua pelo bem que fez a espécie. Em compensação várias religiões dividem-se em elogiar o pior aspecto da questão, a culpa, e tentam renová-la, periodicamente, com novas liturgias e outros ritos de comiseração e despeito pelos pecadores de alma suja e corpo saciado. Eis o sexo. O trabalho tem também por esta época a sua origem e o fato destas duas atividades serem tão antigas não impediu que levássemos dois mil anos de esforço físico e espiritual até que dois caras metessem o dedo na ferida da espécie. Dois germanos, dois membros ativos do desrespeito intelectual ao que era certo e aceito: Marx e Freud. Fiquemos com Freud, aliás, com Freud não, que é um

sujeito de difícil acesso, fiquemos com o sexo que também é de difícil acesso e muito proibido de fazer, mas que tem lá seus escritores. Não, nada de Lawrence, Miller ou Sade, os poetas. Fiquemos na divulgação científica de fenômeno. Desde que a Universidade parou de consumir a velha cultura, a Civilização Brasileira começou a procurar outro tipo de público e descobriu que existem alguns setores da classe média problematizados com seus hábitos. E se lhe fecharem a porta do poder, restou-lhe a de outro verbo parecido mas impronunciável em certos círculos. E vem aí o Enio Silveira com os calhamaços constatativos de Masters e Johnson e o Sha Koken e o Fritz Kahn e outros de menor monta. Prá classe média é bom, mas muita gente corajosa já chegou, pela difícil praxis do assunto, as mesmas conclusões. Dou uma indicação que, a alguns meses atrás seria considerada sutil e culta pelos grupos mais por fora, mas que hoje já está um pouco manjada em alguns círculos limitados. Trata-se de um livrinho de bolso, editado pela Paydos, de um psicanalista inglês de nome Robert Street e que se chama "Técnicas Sexuais Modernas". Não tem figurinha

mas é bem escrito. A tese do livro é que o homem é uma máquina perfeita e grosseira; capaz de concluir um assunto em dois minutos. Até aí nada, mas o livro fala da mulher e explica como reage psicossomaticamente nossa companheira de folgedos, mães, irmãs, colegas e vizinhas. Não querendo, em absoluto, disseminar a corrupção moral pelo país, indico o livro para quem ache que o futebol bem jogado é aquele que sintetiza o folgado do Carbone, a força do Claudiomiro, a recuperação do Pontes e a habilidade, a sutillza, o toque lento do Sérgio. Dirijo-me aos que exigem algo mais que simples curta-metragens. A tese básica do Street é que existe um descompasso entre o tempo do homem e o tempo da mulher. Quer dizer: quando um cara já vem voltando ela recém vai indo. Quando você notar um rosto feminino endurecido e vincado pode apostar que o partner faz os 100 metros raios em 2 minutos. O sujeito pouco profundo é merecedor de todos os galhos que porventura venham a ocorrer em sua vida. Perto deste livro os outros manuais não significam nada e enquanto não lançarem o "Positione-por aqui, dediquem-se a é-

le, Street, e esqueçam o resto. Não recebem encontrar pela frente aqueles manuais de doença sexual que eram editados aqui na década de 50. Street é inglês da "swinging London" onde, segundo os mais por dentro, o velho Freud está sendo levado em frente com a coragem e a audácia intelectual necessárias nestes casos. Talvez por lá até esteja superado, mas por aqui ele ainda é um Giap de muitos recursos. A leitura é recomendada para rapazes e raparigas, pois este é um terreno de ação onde tudo o que se sabe é pouco ainda. O livro deve estar custando uns doze cruzeiros e pode ser encontrado na Globe ou na Lima. Se não acharem podem pedir diretamente a Paydos, na Calle Defensas, 599, 3º piso, Buenos Ayres. Foi com obras deste tipo que a Inglaterra se fez alegre e livrou-se do vitorianismo. Não é nenhuma vergonha precisar deste livro e eu poderia fazer uma lista do pessoal que se guiam por ele, mas isto seria desalegante, desial e perigoso. Tratamos de usar tal opúsculo para tornar os jovens do território mais sorridente e nós mesmos mais produtivos, intelectual e fisicamente. Afinal, quando nos tiram a praça, fiquemos com o quarto.

Luis Fernando Veríssimo

O bordel tradicional é mais um pilar da sociedade burguesa que cede aos agravos do tempo. Não falo dos locais de encontro, dos utilitários «rendevouz» que em Porto Alegre, proliferam — dizem, eu não sei — como nunca. Falo das casas de formal e apurada tolerância. Minha experiência no assunto é limitada, mas o que me encantava nos antigos bordéis era o seu ar de respeitabilidade cultivada, de decoro sintético. Em nenhuma sala de visita familiar da cidade o recato era mantido com tão consciencioso denodo. E o bordel parodiava, sem querer, a concepção pequeno burguesa do «moderno». Paisagens japonesas na parede, estofados forrados com plástico, o bar em semi círculo num canto em frente a uma cristaleira com luz fosforescente... Um dos pilares, sem dúvida.

Com o desaparecimento dos bordéis subverteu-se, também, uma certa hierarquia sexual que eles ajudavam a perpetuar. Quem foi, como eu, adolescente na década de cinquenta lembra que as amadoras, em todos os sentidos da palavra, eram caça franca para moços e velhos indiscriminadamente, mas no tráfego com as profissionais a Juventude levava uma desvantagem. Entrava-se, então, num bordel com aquela deferência silenciosa exigida de qualquer postulante ao convívio dos mais velhos. Vez que outra, tinha-se um vislumbre do que nos esperava se, com a idade e a persistência, conseguíssemos um dia conquistar a intimidade da gerência. Os jogos de carta com a dona da casa na cozinha, sendo servido pelo veado de praxe, carinho desinteressado e filial das meninas. O aces-

so instantâneo e incondicional à «favorita». Com tempo e paciência, você alcançaria esse status exaltado. O importante era manter o respeito. Na cultura dos infirmos essa estratificação desmoronou. O dinheiro talvez fale mais alto do que a idade, mas em todos os outros sentidos a juventude é que hoje impõe as regras. Eis aí, quem sabe — independente do moralismo de fachada e da contumácia política — uma explicação para a ressentida indignação de tantos sáltilhos da velha escola com a nova liberdade sexual. Já não há mais respeito, não com a sacrosanta família ou com o pundonor das moçoilas mas sim com os direitos do patriarca! Uma pouca vergonha.

Mas se o permissivismo está abrindo caminho para uma saudável reavaliação de hábitos e hierarquias, também está tirando o en-

canto — safado, doentio, execrável, concordo, mas encanto — das velhas instituições eróticas. O bordel perde sua validade como uma espécie de deturpação refinada do clube masculino, onde o último Prazer, incontestado do homem burgues — seu domínio sexual sobre a fêmea — era ritualizado num ambiente de submissão padronizada, confortável e segura, mas pode muito bem renascer como mais um corolário do funcionalismo tecnológico dos nossos dias. Não é difícil visualizar um incorrigível freqüentador de bordéis, velho demais para a competição nos inferninhos mas ainda não disposto a desavaliar seus hormônios, sendo recebido na versão futurista de um bordel. A sala de recepção é prática e antiséptica como uma cozinha de avião. A recepcionista, de avental branco, manda o cliente

sentar-se e diz que vai encerrar sua ficha.

— Mas senhorita, eu só quero uma cuba libre, um bate-papo, depois quem sabe...

— Desculpe, cavalheiro, mas a ficha é obrigatória.

Idade? Pressão arterial? Alguma doença contagiosa? Tem seguro? E depois os detalhes operacionais.

— Homo ou hetero?

— Como?

— Homo ou heterossexual

— Hetero, é claro. Escute, minha filha...

— Sado ou maso? Ou os dois?

— Nenhum dos dois!

— Fetichista?

— Fetioquê? Olha aqui acho que eu vou desistir...

— Espere, cavalheiro. Alguma predileção metodológica? Estimulação Oral? Pré-estimulação Visual Profilaxia Manual ou Mecânica?

— Pod e deixar! Pode deixar! Já perdi a vontade!

sete



Fotografada por Luiz Carlos Felizardo

irmãos bobagem

desenhos: nilus



RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR:

O CORONEL DANTE BARROS, MANDA SEU CAPANGA E BASTARDO, JUCA GASPAR, PACIFICAR O VILAREJO DE INDEPENDÊNCIA, ONDE O NOVO PREFEITO, RUI BOBAGEM, ACUSA O EX-PREFEITO, CARLOS HEITOR BOBAGEM DE TER FEITO UMA ADMINISTRAÇÃO CALAMITOSA. A MÃE DOS IRMÃOS BOBAGEM, BERETA BOBAGEM, SE METE NA BRIGA E... BEM, CHEGA.



Coronel Dante Barros



Juca Gaspar

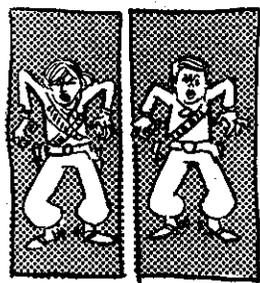


Rui Bobagem

PEGUE UMA LENTE! NO CASO DE VOCÊ SER MIOPE, E LEIA AI AO LADO! POMBA. VAMOS EM FRENTE! NOVELA E CULTURA.

irmãos bobagem

RUI E HEITOR BOBAGEM ACERTARAM UM DUELO PARA O MEIO DIA.



MAS QUE HORROR! OS DOIS MARCARAM A MESMA HORA NO FERNANDINHO'S DE MANHÃ E A BRIGA PARECE QUE VAI SAIR MAIS CEDO!



RAPAZES! AQUI NÃO! AQUI NÃO! MEUS SAIS!

VEM FILHO DA MÃE! VOU TE ENFIAR A CARA DE LAQUE!

FILHO DA MÃE É TU! VOU DERRAMAR CERA DEPILADORA NO TUO OUNDO!



SOCORRO!

MAS A ÚLTIMA PALAVRA É DA CIDADÃ MÃE, BERETA BOBAGEM!



OS DOIS VÃO LEVAR UM SECADOR NA NUCA!

CRUZES! UM Negroóóóó!



FERNANDINHO DESMAIÃO. MAS NÃO PELA VIOLÊNCIA. É QUE ELE AVISTOU O BRULIO BOBAGEM ENTRANDO NO SALÃO. COM ELE, SUA MULHER, ADELITINHA E

RESOLVI. VOU MATAR O RUI. ELE QUER UM GOVERNO SO DE TÉCNICOS E EU ODEIO OS TÉCNICOS!



É AGORA? CONSEGUIRA BRULIO O SEU TÊNTO, ISTO É; O SEU INTENÇÃO? NÃO PERCAM O DESFECHO SENSACIONAL DESTA NOVELA NA PRÓXIMA 4ª FEIRA!



GLAUCO RODRIGUES antes de sair da Província pintou os afrêcos regionalistas (pelotense, já que é fresco) do Cinema Cacique. Imagens que muito influenciaram a carreira de Célio Marques Fernandes o autor do Tobogã da Independência.

HELOISA JAHN chegou a editar um livro, não confundir com Menarca) antes de abandonar o alegre convívio do cafêzinho poético do Clube de Cultura. Está na Europa, e ainda é virgem.

HAMILTON DO BALÉ ficou famoso por ter lançado na vida gente como Rialda, Elcira, Denise e outras. Agora cafetina em São Paulo.

JANE BLAUTH há 15 anos dança para platéias da Europa. Prima da Shirlei, da Arquitetura, a namorada do Pedro Mohr.

JORGE STEIN saiu meio ligeiro. Mora no Rio, perto do Number On e.

JOSÉ SILVEIRA deixou a fronteira from Rio. De vez em quando é secretário do Jornal do Brasil.

JORGE IVÁ desquitou-se do Carlos Nobre e partiu em busca de um novo amor. Continua fazendo caricaturas no O Cruzeiro.



JOÃO GILBERTO nasceu na Bahia como todo mundo sabe, mas foi aqui, no Riviêira, lá na subida do Cemitério que começou a soltar os primeiros sons. A província, como sempre, não entendeu. Foi despedido pelo Italo porque desafinava, vaiado no Clube do Comércio. Desiludido lançou a Bossa Nova.

JUSTINO MARTINS ficou famoso por ter comido as capas da Manchete continua lá, com menos apetite.

JOSÉ CARLOS MARQUES, conhecido no grupo por Zécacá. Ainda em Paris.

LUIZ AUGUSTO GONÇALVES, cronista social, depois de realizar o «baile in maschera», a ginkana ZH, e Shows de mágica em Igrejas antigas, sumiu com algumas estátuas. No Rio é colaborador de Flávio Cavalcanti no quadro «minha turma é da pesada».

LEMIR MARTINS da boa Zero Hora de antes, para a glória.

ENCICLOPÉDIA

SIMANDOL

ENCICLOPÉDIA RARA AO ESTILO IMPRESSOS BLOCH

LUIZ AUGUSTO



**rádio
continental
1120 khz
o som nosso
de cada dia**



LUIZ MENDES é o homem que tem a difícil missão de comentar as bobagens que Valdir Amaral diz ao microfone da Rádio Globo.

LILIAN LEMERTZ aqui, era garota propaganda da Piratini e paquerada por Decio Pizzato. No Rio é atriz e continua sendo paquerada. Atualmente é casinha da dupla Marcos Noronha/Valmor, Chagas. (Vide ambos)

LUCIA TOMAZZONI CURI a mais bela comerciária, promoção da Caldas Jr., candidata pela loja da Anita do Felipinho. Hoje está concorrendo na Europa.



LUIZ CARLOS MACIEL estudou no Anchieta e morou na República. Foi professor de filosofia em Salvador, jornalista no Rio e hippie em Botafogo. Descobriu o underground numa viagem.

LUIZ MACEDO é o primeiro M da MPM. Ou o segundo?

LAIS AQUINO MARQUES ganhou o festival aqui e se mandou pra lá, brigou com a Wanderléia; seria hoje uma excelente professora primária em Sapucaia.

LUELI FIGUEIRO, João, apesar de tudo aquilo que Deus lhe Deu. A Maria Bethânia de sua geração.

LUCI BLOCH saiu de Rio Grande para ser a primeira dama da Manchete, no Rio.

Continua no Paton nº 3

more



a casa da Mônica

É Quinta Feira Santa na Mônica. A casa está praticamente vazia. Não mais de dez pessoas. Uns poucos clientes batem papo junto ao balcão do bar. São os habituais, o samigo da casa. O salão onde nos encontramos é amplo. Grandes sofás e recantos obedecendo a uma decoração sóbria. Aquarelas tristes nas paredes. Meia luz. A música em fita (quase sempre chorosos tangos) e um excelente serviço de bar completam o quadro.

Em frente à enorme porta de vidro da entrada, um velho leão de chácara. Entra-se numa espécie de vestibulo, com um blombó, tapando as escadarias que levam ao andar superior. Ali, numa pequena mesa, uma castelhana de nome Helena anota cada subida das meninas para depois cobrar os quartos. A camareira mais antiga, Jurema, fiscaliza as outras camareiras (duas lá em cima). Ele é a ligação entre um setor e outro. Tudo funciona harmonicamente.

São 12 quartos no andar superior. Há um anexo, nos fundos, onde moram as mãezas que não têm para onde ir (família ou gigo-lô). Se bem que todas desmintam isso, o aproveitamento desses quartos suplementares nos dias de grande movimento é bastante provável. Devido à falta de material humano local a direção da casa é obrigada a importar mulheres do Uruguai e da Argentina. Presumo que as "importadas" — cuja presença explica que a preferência pelos tangos — se hospedem nos quartos suplementares pagando uma pequena pensão. Aliás, "pensão de artistas" é o nome colocado na nota fiscal,

nas despesas de bar.

No andar superior, além dos apartamentos normais, está o famoso quarto dos espelhos (todas as paredes forradas com espelhos, usado preferentemente as surubas) que faz parte da tradição da casa, e o não menos famoso quarto da árvore, invenção mais recente e de extremo mau gosto (Da cabeceira da cama sai uma árvore seca). A escadaria desemboca numa espécie de mini-saguão com grandes eófas para que os casais esperem sua vez, em das da grande movimentação, sem afobação. Em frente ao saguão, em semi-círculo, as portas para os vários quartos. Estes têm o mínimo necessário para as suas finalidades. Grandes camas, cortinas sóbrias e pesadas, criadinhos mudos, um espelho, cizinhos, duas cadeiras (para as roupas), banheiros relativamente grandes e bem divididos, com pia, espelho, bidê, banheira e ducha. As toalhas são entregues na hora. O quarto dos espelhos obedece rigorosamente esta mesma disposição, sendo apenas um pouco maior.

MARTA

Jussara, a gerente, conversa animadamente com uma mulher junto ao balcão. A mulher está avisando que não virá trabalhar no sábado. A gerente não gosta.

— Isto é muito mau, minha filha. Sábado é o melhor dia. A mulher diz que vai passar a Páscoa com o filho. Aproximo-me da mulher e me identifico. Chamemo-la de Marta.

Tem 24 anos e está na pro-

fissão há cerca de oito anos. Apenas três anos como profissional na Mônica. Antes andava por Santana do Livramento.

— Eu fazia um pouco de tudo. Uma vez eu até dançei num show de uma casa lá em Rivera. Eu pertencia ao ballet da casa e depois cheguei a fazer um número sózinha. Uma rumba. E que eu ainda não podia trabalhar abertamente. Eu não tinha carteira.

— Sim só depois dos vinte e um é que dão a carteira. Antes disto ninguém pode trabalhar com calma. Sem a carteira do Pósto de Saúde é fogo.

— Isto está meio morto hoje? — Pois é, quinta-feira é ruim. — E nos outros dias a coisa melhora?

— Bem melhorar melhora, mas mesmo assim não é nem sombra do que era antigamente.

— A casa não tem futuro bem?

— A casa sempre fatura. O nosso problema é outro.

— Como assim?

— Eu por exemplo acho besteira ter tirado a carteira.

— Besteira?

— Sim, besteira. Na hora que uma mulher for tirar sua carteira, ela virá uma mulher marcada.

— Marcada ou catalogada. No fim tudo dá na mesma, pois mesmo que você deixe a noite a tua filha fica lá esperando.

— Mas esta carteira não é obrigatória para todas?

— Todas as que trabalham em casa como esta tem que ir fazer o exame uma vez por semana.

conta |
exempl |
que se |
rlnha? |
— |
elas se |
tram a |
todas t |
vão par |
ciam e |
Depois |
não tiri |
nem co |
não us |
é mais |
dia é ir |
bar em |
ra vista |
quem |
não sa |
dise e |
Entende |
— |
teria q |
coisa |
bém só |
— |
sei pon |
do isto |
— |
tar só |
derez n |
Eu |
trabalh |
não sai |
mo? |
— |
a uma? |
— |
problem |
um vel |
parhar |
Ma |

MÔNICA, QUINTA FEIRA

Mais famosa que o Palácio Farroupilha, que o Palácio Piratini que o Auditório Araújo Viana, que a Praça da Redenção, que o Gigante da Beira Rio, que o Teatro São Pedro e que a Fonte do Guariba. Um nome mais alto, para o resto do Brasil, que o do Governador, do prefeito, de Thomas Koch, de Bráulio, de Roberto Sedon, de Estensoro e do nome das mais elegantes do Gasparotto juntas. Um nome mais arraigado à tradição da cidade que o do Oalito voredo, que o da Praça da Harmonia, que o da Igreja das Dores, o do Cadeião, que o do Dr. Bressan, que o de Gládia Marinho e que o do Largo dos Medeiros, que que o do poeta Mario Quintana. Um nome mais antigo que a redação do jornal Correo do Povo e mais famoso que o da Revolução Farroupilha. Um nome, só um nome, se impõe a três décadas como uma espécie de glória amaldiçoada da cidade Mônica, o mais famoso lupanar das três Américas. Uma espécie de anjo exterminador que paira sobre os lares de nossas melhores famílias, um estigma, um tumor na bexiga da história da cidade que permanece ignorado por todos nossos historiadores.

Um nome que só poderia vir à tona trazido por um jornal totalmente descomprometido com a fama fossil dos tempos e com promissas ditas totalmente superadas. Mônica. Um nome maldito no seio da família portolegrense. Mas, no fundo, todos reconhecem existiu uma estranha fidelidade entre a cidade e esta filha proscrita que foi a grand epuradora d oturimo entre nós.

DIALOGO
Você vai passar por Porto Alegre? Vou, vou à Argentina, ao Uruguai. Então fica só mesmo uma noite por lá. Mas, Porto Alegre não tem nada. Tem sim. Tem a Mônica. Uma fidelidade que as novas gerações tendem a reduzir a cinza, mas que até lá continuará se impondo pois os lupanares nada, mais são que frutos de uma sociedade cuja força plena da moralidade foi

mobilizada contra o uso do corpo como mero objeto, meio, instrumento de prazer. Assim durante mais alguns anos a cidade ainda se assistará com o nome Mônica. Um lindo nome, muito usado no Rio, em São Paulo, em Curitiba, em Florianópolis, e no resto do mundo. Mas um nome marcado no Pósto dos Castais: **Paulana teve uma filha. Que bom. Como se chamará?**

Mônica
Lousura, lousura por um nome dadas minha filha?.....?.....?

Com este nome não pode dar bom colal

HISTORICO

Parece que tudo começou lá por 1938, ou 1939. Uma linda mulher procedente de São Paulo chegava para conquistar a cidade. Seu nome, Mônica; seu destino, o Casablanca, famoso bordel da época. Mais tarde, ninguém sabe se com fiandista ou como livre empreendedora, Mônica funda a casa, que foi crescendo com o passar dos anos em nome e fama. Ficava lá atrás da Dom Pedro, na Rua Honório Silveira Dias, conhecida na época por Rua do Camisó. É difícil precisar. Como eu avisei, os historiadores consideram a matéria irrelevante e os que têm culpa no cartório não querem dar o serviço. Afinal ninguém é louco nem nada. Isto também nós entendemos.

Assim, com nossas fontes em pânico, a casa foi crescendo. Era o lugar preferido para as despedidas de solteiro dos rapazes de boa família que ali se reuniam para construírem as doces lembranças de hoje... Era também o ponto de encontro das grandes fortunas da época. Como vocês podem ver não foi; é tá que a casa cresceu. Muito estancieiro deixou seu último pila preso à liga de uma das atraentes mulheres da casa, ou numa dobra do lençol do quarto dos espelhos.

AS VACAS GORDAS

Por estes anos o dinheiro corria à larza. O Banco Pelotense, lá havia falido para tristeza de muitos e alegria de poucos, mas no

sul ainda se faziam bons negócios. Existiam vários jornais, a Caldas Junior nem era, enfim nem tudo estava perdido. O Getúlio estava mandando e o múmu corria para a gauchada.

A cidade era pequena para as fofocas e lendas que surgiam sobre a casa. As novidades pulavam de porta em porta. Meu Deus, vizinha, meu marido saiu para comprar cigarros e ainda não voltou. Disse que ia até o Círculo. Levou o chapéu. Sim levou. Então foi namorar na Mônica. Um cafageste igual ao meu.

Mônica. Ah a Mônica! Voto a guerra e a casa venceu a guerra. E Mônica foi vencendo todas as outras guerras, na cama e na vida. Se bem que não se deva separar sua vida da alcova, ou a alcova de sua vida. Mas, ela venceu todas as guerras e quando a outra terminou (a segunda) a cidade encontrou-a absoluta. Dona da situação.

Lá por volta de 1947 o pedestal já estava erguido e a diferença entre a Mônica e as outras casas da cidade, era incalculável. Imaginem! a casa dava-se o luxo de servir café da manhã para a clientela, e este tratamento extra já vinha incluído no preço do pouso. O único rendez-vous que lhe tocava os pés era o da Bequilha, na Cristóvão Colombo, mas esta tinha a mesma tarimba internacional. Inclusive teve um caso com um pintor que até hoje ocupa lugar de destaque no anedotário... Enfim, a diferença de classe entre uma e outra casa não admite comparações. Nas rodas familiares da alta e da média sociedade, ninguém mais aguentava a fama da Mônica e de suas mulheres. Nenhuma força era capaz de segurar os maridos na cama certa.

Era a casa mais cara. Uma a Cr\$ 25,00 e o "instante" a Cr\$ 25,00. Turquinho, o leão de Chácara da casa, também recebeu sua parcela da fama. Mais tarde, herdando, quem sabe, os dotes empresariais e inventivos da Mônica

idealizou os famosos baijes de travessia, nos quais um conhecido cronista social da atualidade tanto crêbrou.

O PRESENTE

A fama da casa já não podia ser contida. Ninguém mais segurava o prestígio da Mônica e nenhum rapagote era considerado homem sem antes passar por lá. Nas rodinhas de chá, as moedinhas da época, principalmente as mais avançadas, confidenciavam: Sabem, o fulano tem um caso com uma mulher da Mônica.

E como diz o provérbio, faz a fama e deita na cama. A fama da Mônica foi crescendo e obedecendo ao pé da letra o provérbio, deitando na cama e adquirindo sua personalidade lendária. Costumava versar com seu sóquito na praia de Torres, onde possuía o apelido de "fim de veraneio." Era ela chegar ao apartamento que quase sempre alugava na rua Desembargador Ciana Pires porque metade dos homens da praia voltassem à Porto Alegre devido a urgentes e importantes negócios.

Por imposição dos moradores e quem sabe, por imposição da própria cidade, que cresceu demais, Mônica mudou de casa. Mandou construir no Bairro do Cristal, a única casa projetada especialmente para bordel em toda a América latina. Fato que ocasionou uma desvalorização tremenda nos terrenos do bairro. Mas deu pra lá.

O tempo passou, Mônica largou, Mônica, a profissão mora em São Paulo e tem casa no Guarujá. De vez em quando vem à Porto Alegre para tratar negócios com seus procuradores, gente fina!

Sua figura, porém, permanece envolta num aroma de mistério e lenda. Dizem que enriqueceu quatro maridos, que ficou rica, depois ficou pobre, depois rica outra vez. E com ela a cidade cresceu. Mônica, com seus quase 60 anos, é um marco na história de Porto Alegre. Se permanecerá ninguém sabe. Nós apenas escrevemos a matéria.

QUEN V



inos. A-
tional
ra por

de tu-
el num
Rivers,
casa e
número
que eu
r aber-
feirinha.
s vinte
the. An-
abalhar
inha do

orto ho-
ra can-
ra casa
nelhora,
é nem
mente.
aturado

ture. r)
ho bea-
ha.

da hora
sua car-
mulher

ja. No
le mas-
s a tua

o não é
abalham
que ir
sema-

— E o resto?
— O resto não.
— Mas quem é o resto?
— Ora, as que se viram por conta própria. As do King's por exemplo ou as do Bambô, ou as que se viram nos bares.

— Estas não precisam cartelinha?
— Precisar, precisam, pois elas se viram como a gente e cobram até mais caro. Mas é que todas tem o seu apartamento ou vão para a Marii e assim não precisam de cafetina para empregar. Depois a maioria dessas bares não tiram licença para funcionarem como rendez-vous porque não usam quartos e a frequência é mais diversificada. Hoje em dia é impossível você chegar num bar em Porto Alegre e a primeira vista saber quem é família e quem está lá se virando. Você não saberia distinguir. Como eu disse é praticamente impossível. Entendeu?

— Mais ou menos. Eu gostaria que tu me contasse mais coisas sobre a profissão e também sobre a Mônica...

— Olha aqui cara. Eu não sei porque tu tá perguntando tudo isto. Por acaso tu não é tira?

— Não. Eu prometo te contar só depois que tu me responderes mais alguma coisa.

— Eu não sei se devo. Afinal o trabalho na casa. Porque a gente não sai e vai prum lugar mais calmo?

— Mas a casa não fecha só a uma?

— Fecha mas hoje não tem problema. Isto aqui está mesmo um velório. Espera que eu vou apanhar minha bolsa.

Marta sai atrás da sua bol-

sa—São meia noite e meia. A casa está praticamente vazia. Duas mulheres que estavam num dos cantos da sala agora batem papo animadamente com um conhecido jogador de futebol. No balcão onde me encontro consigo ouvir um papo entre a gerente e a castelhana que cuida dos quartos. A gerente faz a apologeta do sábado e da sexta-feira. Estas são os melhores dias. As meninas faturam alto nestes dias, quase mais que todos os outros dias da semana juntos. Esta é talvez a única casa projetada para funcionar como lupanar em todo o Brasil. Lembro-me do prédio da Bloch no Rio, que foi projetado especificamente para funcionar como uma grande empresa editorial. Num e noutro o arquiteto viabilizou os mínimos detalhes para um grande sucesso empresarial. E parece que ambos estão tendo um merecido sucesso.

Estamos rumando para o centro de cidade de táxi. Passamos o hipódromo do Cristal. Marta está sentada entre o fotógrafo e eu. Agora ela já sabe o porque de todas as perguntas. Inicialmente assustou-se, depois mais calma, pediu que não fosse fotografada e que seu nome "de viração" não fosse publicado. Marta conta que, uma vez, uma sua colega da Mônica, de nome Inês (ela não tem certeza) foi pressionada e comparecer numa entrevista na televisão onde lhe bombardearam com uma série de perguntas insidiosas. "Inezinha não queria ir" — conta Marta — "mas Inês quase a obrigaram. Mentiram para ela, disseram que ela não apareceria no vídeo e, no fim todo o mundo viu a ela

quase não pode mais sair a rua". E continuou: "Todo o mundo a apontava, parecia que tinham escrito na sua testa, profissão e local de trabalho".

Marta conta ainda que Inês recebeu e propôs de aparecer na televisão quando foi fazer o exame para a cartelinha e que no programa a coltada ficou tão apavorada que respondeu coisas sem pensar. Resultado, teve uma briga danada com o impéto de Renda, ela e o resto das meninas, e sua vida virou um inferno. Nem trabalhar em paz ela podia. Inveja das outras, gozada pela clientela, sua vida virou um inferno tão grande que Inês teve de emendar de Porto Alegre.

FATURAMENTO

Estamos sentados num restaurante de fim de noite, jantando. As perguntas vão chegando devagar.

— Marta, quanto você fatura numa noite na Mônica?

— É difícil dizer. Acho que isto varia de mulher para mulher. Depois tem tempo de vaca gorda e tempo de vaca magra.

— E qual foi tua maior fêria numa noite?

— Bem isto eu acho que dá pra dizer: foi Cr\$ 250,00.

— Puxa, é uma grana.

— Espere aí. Esta foi um dia excepcional. Tive um cara que me deu Cr\$ 100,00 e ainda encheu a cara. Nós temos comissões nas bebidas. Atualmente Cr\$ 100,00 já é uma boa fêria.

— E o prepô? Como é que funciona a coisa?

— Bem varia conforme o dia, conforme o cara. Tem gente que

até se torce para subir com ele e outros que eu não subo nem amarrada.

— Então uma média...

— Tirando o quarto, dá pra faturar Cr\$ 30,00 o instante.

— E o pouso?

— Não faço póiso. Tenho meu filho pra dormir comigo.

— E se fizesse?

— No sei. As meninas parecem que estão cobrando Cr\$ 80,00 tirando o quarto.

— Você antes falou da cartelinha. Quanto acha você que ganha uma destas mulheres que se viram por fora.

— Olha eu não sei. Depende muito do bar e do ponto. Na Andrade Neves tem umas que se viram com carro e tudo. Tem até apartamento. Estas faturam alto. Uma Cr\$ 200,00 ou Cr\$ 300,00 por noite. Mas não são todas.

— Você conhece alguma?

— Conheço mas não digo o nome.

GIGOLÔ

— E a frequência da Mônica como é que é? Vai muita rapaziada ou só os velhos?

— Olha nestes três anos eu não tenho visto muita rapaziada. Arrumamento às vezes mas que agora. Hoje em dia estas cabaludas quase não aparecem. Só as da basecofrada e da gigolagem.

— Você não acha que os filhinhos de papel já não estão aparecendo porque as filhinhas de papel já dão com mais facilidade?

— Bem, não é só isto. Há mais liberdade hoje em dia em Porto Alegre. Toda a mocidade já pode ir a muitos lugares. Tá tudo muito diferente.

ODETTE GALVÃO

— Você não gastam uma grana pra se enfeitarem todo o dia, arrumarem o cabelo e coisa e tal?

— Uma banana.

— Verdade uma ova. Ninguém aí querar subir com um cabelo velho. E o negócio é faturar. Depois tem a concorrência.

— Concorrência?

— É a Sorlei lá atrás, em frente ao Marisco Negro. Ela cobra só Cr\$ 10,00 o quarto.

— E na Mônica alguém já ficou rico, a não ser a própria?

— Eu acho que sim.

— Quem?

— Olha o Jorginho que era o garção aqui de lá e está muito bem de vida. Mora num apartamento ultra bacana na Duque e tem outros tantos pela cidade. Ele agora até tem uma boate no Cristal.

— E de mulheres?

— Muitas saíram bem, casaram e tudo o mais.

— Escuta você já levou algum bôlo, alguém te passou a perna, saiu sem pagar?

— Já. Tive um que uma vez não quis pagar, porque disse que era primo da Mônica.

— E era?

— Nem parentes.

— Todas tem o seu gigolô. E você?

— Nem todas tem gigolô. Muitas vão embora, casam e vivem felizes.

— Mas você tem ou não tem o seu gigolô?

— Pra dizer a verdade tenho — sorri.

— E que tá ele é?

— (Sorrindo ainda). Tem um ano e está começando a falar.

IRA SANTA

JEM VÊ CARRO VÊ CORAÇÃO

Quem vê o seu carro, bem tratado, com aquele carinho que só Ipiranga sabe dar, conhece você por dentro. Sabe que você só quer o melhor para o que é seu.

IPIRANGA



MÃE ESPIRITUAL

Carlos Nobre

A Mônica é uma instituição nacional. Ou vão me dizer que não? Sou de opinião a-té que a casa devia ser considerada de utilidade pública pelo muito de cultura que tem legado a quase todos (a todos não porque, como sabemos, nesses assuntos, tem alguns que se mancam). Francesa mis tá estvarem ensinando, a preços quase sempre módicos, o esplendor de seus galicismos, enfim levando aos botocudos todo um acervo de conhecimentos gerais que fizeram da França nossa mãe, não só espiritual, como também... ah, vocês sabem.

De sua fama preciso falar? Conto-vos: certa feita estava esta que escreve, posta em sossêgo na antiga Zero Hora, quando, diante d'êla (de mim, táo compreendo, né?) apresentou-se Luis Carlos Mercadante, repórter

principal de Realidade. O distinto viera de São Paulo com a nobre missão de cobrir a Mônica, melhor dito, de cobrir a casa da Mônica? Volveu Mercadante: "Sim: Em cinco páginas coloridas".

Enquanto eu enquila em sêco a bíblia do pique da véspera, Mercadante lascou, encerrando:

— Pois se a Mônica, meu filho, é o maior lupanar de toda a América do Sul.

Foi aí que me dei conta: além da Apos Finos Piratini, do Eversaido, das cadeias d'almatas do Rui Sommer e do Pato Macho, temos mais um motivo para nos orgulhar, do Rio Grande do Sul: a Mônica. Mercedesora incontestada de cinco páginas coloridas numa das mais importantes revistas brasileiras, sendo duas delas com o quarto dos espejho, só no sei se em pleno funcionamento.

Como era o nome dela? Lembro que ia esperá-la todas as noites, à uma em ponto da madrugada. Seu prazer? Chegar ao Treviso no carro que diariamente roubava de meu pai. Era um carro daqueles que a gente aperta um botão e bamco desce e sobe, toca música, faz chover. Coisa assim, de aristocrata rural quase em decadência — que ao presentir a falência próxima agarrava-se ao que de mais luxuoso tivesse sido fabricado em Detroit. Pois esse era o carrão de meu pai. Azul e branco. Ela adorava entrar no carrão, convidar coleguinhas de trabalho; depois tódas desciam madames, na frente do Treviso. Eu tinha uns 16 anos. Era a glória ter uma amante na Mônica. Assim vivi durante seis meses.

COI LOPES DE ALMEIDA

GOLD MEDAL AWARDS

O anúncio da Graphies/71
 art director/designer David Wiseltier
 photographer Harold Kruger
 copywriter Law Sherwood
 agency Daniel & Charles
 client McFadden Bartell Media

Nada disto, manhada, e ilustração ao lado, na Revista do nonno Umberto, "L'illustrazione Italiana"/Milano, marzo-1925. Já indicava com mais precisão como "resolver seus problemas reumáticos-musculares".

ANTÔNIO AIELLO



Edm. Sorens

Consorzio farmacia controllata per l'Italia e
 Società Nazionale
 Prodotti Chimici e Farmaceutici
 MILANO



Quando

siete presi negli artigli della nevralgia,
 della lombaggine, del reumatismo
 articolare o muscolare, acuto o cronico;
 quando le vostre sofferenze
 sono insopportabili

RICORDATEVI

che in tutte le farmacie troverete un preparato semplice,
 sicuro, d'indole efficace: il

THERMOGÈNE



Del

PATOIA

MON DIEU!
 MON DIEU!
 C'EST TERRIBLE!

DEVO SER MAS CONVINCENTE!

NÃO TOLERAREI QUE OS BASTARDOS DA PROVINCIA PEGUEM NO MEU PÉ!

THIS NO! THIS NO!

PÉ, ESQUECI O RESTO DA HISTÓRIA E, DO PATO MACHO, RECEBO EM DÓLARES (VAMOS HIRAR A GRAMMA DO BUTT-KIN).

BEM, MINHAS NEÇAS, VAMOS COMEÇAR TUDO DI NOVO. (COM UM POUCO DE AUTO-CRÍTICA)

EU TERIA QUI DESEMPENHAR UMA HISTÓRIA, BUT MY GOD, COMO EU ANDO IMPRODUTIVO! (É A GRANDE EPIDEMIA DE PORTINHO: FALTA DE SACCA)

BEM, NEÇAS TERMS... ORA VEJAM ISO QUELA SE APROXIMA GORDO ESBROLHO (LINDO MUITO ISTERTECADO)

...MAS MINHA CARANCA É MARVINHA GURTES OH, OH, OH (KIMMY)

DIGA-ME, O GORDO JA TENS CO-PILOTO PRO COMPLENATO GAUCIO?

...MAS HA MAS CALVIAO PRA CIVILIZACAO OCIDENTAL CRISTAL

BUT ESBROLHO, ISTO É TRACAO! MAS COMBINAÇAS...

OH-OH-OH! ME AND TATATA JUNTOS! DANDA 3000 DI 180PE SI, MI, MI!

BETO PRADO

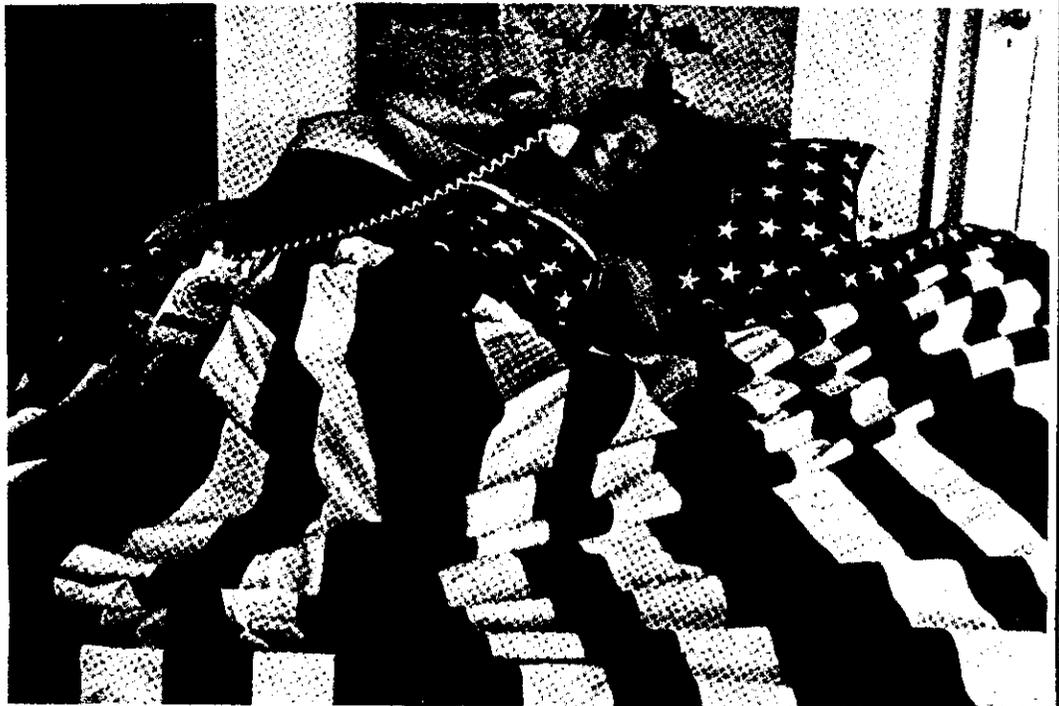
PATOTIME

CHARLES NAFUS,
Nova York

A coisa hippie está completamente morta. Existia em '67, '68 mas degenerou para outra coisa muito ensimesmada, muito feia. Os jovens das ruas vêm de família rica ou da classe-média. Eles têm dinheiro, e este é um modo deles gastarem o fim de semana pedindo esmolas, vivendo com estrangeiros e depois regressando a Queens, Brooklyn ou Long Island. Me deprime encontrar todo o movimento assim. Eu vivia no Texas durante o período bom do hipi, e esperava algo semelhante. A heroína é a droga ou a-fetamina: de todos. A cidade é demasiadamente forte para muita gente e eles se escapam pela heroína.



Em Nova York, as películas para ver e gozar: *Le Enfant Sauvage* (de Truffaut), *Trash*, produzido por Andy Warhol, mas não dirigido, é por isso: fantástico! Cada semana, agora, vejo pelo menos uma película e um drama (teatro), já que no fim do ano quase não podia por causa da falta de dinheiro. Era uma boa experiência para mim, mas agora quero gozar esta cidade e ver suas produções e produtos. Porque vim se não posso conhecê-la? Ao sábado mirava a neve até as 8 horas da manhã. A primeira que eu via desde muitos anos. Cubria o cemitério, mas não as tumbas. Em meio ao inverno, o futuro me parece melhor.



UDIGRUDI

O Ferlauto, que é o editor da gente aqui, pede para mim escrever sobre underground. Ora, logo eu? obtero. Explico as longas suíças (alô, revisão, vê se suíça é assim ou com ç) do Ferlauto que, em matéria do assunto, eu tô mais por fora que só minhoca em pedreira. Mas como o Ferlauto admira às pampas a minha inteligência, insiste. Volto a obtero: «Pô, Ferlauto, eu não manjo do assunto. Se escrever sobre udigrudi vou me atrapalhar mais que só o Rubis Hofmeister nas proparoxitonas». Mas o Ferlauto é implacável. «Escreve, bicho».

Bem aqui tô eu, tentando afinar minha tradicional grossura para vos dizer coisas do udigrudi, que é assunto sutil, portanto muito mais para o Luis Fernando Veríssimo. Que sei eu do udigrudi? Que é um movimento (é movimento?) avançado cujo o papa (pelo menos musical) foi Jimmy Hendrix. (Não foi, não?) Sei que uma multidão desses caras que fazem o udigrudi se reúne (quase sempre nus, né mesmo?) e aí se cantam, se dançam, se curram e se mandam LSD. Depois fica todo mundo na sua, protestando contra a guerra, tocando guitarra elétrica, instrumento que os norte-americanos inventaram para obrigar vietcong confessar.

Udigrudi é isso? Se não for não me interessa, na idade que eu tô prefiro mesmo é mulher. CHARLES, O/NOBRE.

PROVIN/CIA

Sou prisioneiro do ar poluído Não confio em ninguém com mais de trinta colares. Nem em mais de 30 cabeludos. Som Livre Importação (ou Manipulação, do público: fazem o sinal da paz pessoal! Assim, vamos cantar, como em Udistaki, vamos lá... meu irmão, meu...) Saço! Ia dizer: Som Livre foi tão importante como a Universidade, se é que alguém ainda lembra disto, não é Ferrugem & Lo Fumo? Mas o que eu vi foi a força da televisão: os crioulos e a sociedade, no mesmo saco, curtindo um barato: afinal 2 cruzeiros para a Shell, quem não pode? O que vi: uma diluição de cabeludos e hippies ganchos que devem ter ficado tristes por não terem «aparecidos» com suas roupas diferentes: haviam milhares de «diferentes», cabeludos, artesões,

com as calças franjadas, cabelo Tornado, e todos estes lugares comuns da província mais pró sul do mundo. Enfim o grande espetáculo: uma espécie de saída gigantesca das matins de outrora no cinema Imperial. Todos na mesma, consumidos pelo gigante não muito tímido da TV Globo: artistas figurantes do vídeo, sem receber nenhum cachê. Participantes de um evento cultural, violentando assim suas posições do «Tô na minha, e resto que se lixe.» «Eu? vivo dum barato, por aí, que nunca conseguiram traduzir numa atitude realmente criativa, ou seja, noutra linguagem: a contra-cultura, que mesmo limitada, provinciana, gatacha e portoalegrense, pode nos levar, jovens e super-jovens, a aprender viver melhor. Dentro das contradições, mas criativamente. Era.

CLAUDIO FERLAUTO.

Breve **JÁ**
Nas Bancas

TARSO DE CASTRO
GLAUBER ROCHA
LUIZ CARLOS MACIEL
PAULO FRANCIS
MARTHA DE ALENCAR

CARTA CIRCULAR PARA OS ELEITOS — Oi Gente — morrendo de saudade e sem tempo — a vida é linda e eu estou pretinha, pretinha. A mãe pra me acolhe e bronzela. Alguns problemas que outrora tive sumiram e deixaram em seu lugar muitas coisas boas. Fiz uma linda e mágica viagem em Itamaravilha há uns 10 dias e o resultado é que estou louca pra ver vocês todos (estou falando no plural porque estou mandando a mesma carta para: Luiz Carlos/SP, Sérgio e Sheila/GB, Cláudio/RS, Paulinho/GB, Adãozinho/Córsega, e por enquanto é só) — o tempo é pouco e o amor é muito e dividido em todas as partes iguais, e igual ao todo. Desculpe, a tempo, Lalau/SP. A viagem foi marítima e inter-solar. Observamos e controlamos a vida dos siris e dos peixes, voamos sobre o mar e sob o, também. Cada vez descubro mais que sou linda: criança e inocente. A viagem começou 1h da era solar e terminou às 2h da era estelar. Conhecemos todas as maravilhas da terra do mar e dos seus — fomos tão longe que o nosso corpo era apenas um acessório que dispunhamos. Numa certa hora o desligamento energia/matéria foi tão grande que eu pensei que estivesse morta, mas não houve nenhuma sombra, antes maravilha de saber que a morte é apenas para uma certa forma de vida. Uma necessidade enorme de reuni-los juntos de uma vez só — e senti-los muito. A gente sabe quando não está sozinho. A ausência é apenas uma circunstância visual quando se sabe do dentro da pessoa. KATIA MESEL. Recife.

7058

MY LORD! MY LORD!
POR ESTAS PARAGENS
SÓ DA MESMO
A DIFUSORA.

ORA DIREIS
DEU 10 OUTRA VEZ.
ANTES DO ARAUTO IBOPE
VIR COM ESSA, EU CÃ JÁ
O SABIA. ATÉ EU, VASSALQ
DE QUANDO EM QUANDO
E QUASE SEMPRE
MERGULHO NO 10.

TV-DIRETORIA
CINGI 10
UM ANO
DE
LIDERANCA

ARCHITECTURA

Antem, sim foi antem, que o Antônio me contou. Eles não precisam disto. Ou precisam? É assim: começa com uma roupa melhor, restaurante da moda, um fúcu usado, logo um zero, depois o apartamento na zona boa, um apala talvez. Enfim a ambição desmedida, venal. Olfativa, táctil, fresca, atômica. Antem: eles perguntaram se nós fomos continuar a malhar (criticar) os arquitetos da praça alegre. Mas, como? Nós não viemos ao mundo com esta preocupação nem com esta intenção, mas respeitem a minha, a nossa liberdade de pensar e opinar. É isto o mínimo exigível a curto e longo prazo. Com crédito hiper-facilitado ou no financiamento direto a consumidor. Somos. Seremos. Será? São tempos de verbo. E como os tempos mudam as pessoas. (Exclamação) E os verbos. Olha aqui, ô Debiagi, enquanto houver esta mentalidade provinciana, retrógrada, que se alimenta de ameaças (vamos expulsar vocês do IAB, e tomaremos medidas mais «drásticas»), e que as coisas vão continuar como estão. Pobres. Remendadas. Subdesenvolvidas, como a arquitetura que a maioria anda fazendo e que o mercado de trabalho exige, e vocês cumprem. Quem decide o meu caminho ainda sou eu. Graças a deus, ao elixir paragórico, às letras de Maisonnave, ao curso da história Provincianos somos todos por obra e graça do acaso. Uns muito mais, é lógico, porque pensam pior que outros. Martine de domingo, reunião dançante na reitoria, prá vocês! Não me venha com estas manifestações fascistas: tomem cuidado senão. Cenão, meus caros. Ora Debiagi, não me encha o tal de sacolá prá Simandolá vocês. Nº 1 para os casos leves. Nº 5 em casos de burrice grave. Com carinho aos arquitetos desta classe.

CLAUDIO FERLAUTO

NANA,
NENÊ...



JOAQUIM FONSECA

KNOWELA Levitã/parte

VOCE NÃO TEM A VERDADE NEM A JUSTIÇA

OUTROSSIM HOUVESSE OUTRA RECLAMAÇÃO EU A CONFERIRIA

PORÉM EU ESTOU COM A AUTORIZAÇÃO

VOCE NÃO CONSEGUE DIZER COISA COM COISA

SEJA MAIS TOLERANTE DENTRO DO MEU PROPOSITO EU PROURO

JUSTIÇA NÃO SE COADUNA COM VERDADE

VOCE TEM PESSOAS RETROGRADAS O IMPORTANTE É A REFORMULAÇÃO DE CONCEITOS E DE BUSCAS. HOJE ESTAMOS TÃO CONFUSOS. NADA NOS PARECE REAL

VAMOS ANDE!

quinta

A Dinamite que se partiu.



TRANSAC

FLÓRES

Não caia nunca na de enviar flôres pró Rio, ou São Paulo, via Florilândia, aquela florista da Independência, quase praça Júlio. Querem ver só que mandada: a Fabiôla estreava. Eu tinha que mandar flôres, rosas amarelas. Fui lá na tal de florista, paguei 55 contos (flôres custam, 15 e o telefonema o resto...), fix o cartão e exige que fossem rosas amarelas, outras não serviam. A Fabiôla recebeu orquídeas e ao invés de «eu te adoro», no cartão, saiu Teodoro. É claro que a meceninha começou a imaginar outro fã, jamais poderia ser eu, pois mandar orquídeas... um troço tão cafona! Por sorte telefonou e expliquei em tempo, antes que minha namorada saísse atrás do tal de Teodoro...

(COI L. ALMEIDA)



BETHÂNIA

A mana do Caetano vem aí. Na próxima semana Maria Bethânia estará no Encouraçado Butkin, ela e Rosinha de Valença. Claro que com elas também vem Lella Kraspy. Agora, pra tudo dar certo, só falta a palavra final do Dault da Gaúcha. Se ele topou em pagar pouso e passagem pró pessoal, em Porto Alegre, então, vai poder ouvir, depois de três anos, a irmã mais famosa do país, em pleno Buteco. O Sommer tá nessa. A gente também.



CONSULADO

O LFVeríssimo andou espalhando uma notícia que me encheu de preocupação: será o Ferlauto o conselheiro do underground em PA? Nada disso: desmentido, enérgico. Com tanto tupamaro aqui na casa vizinha, vou eu lá ser conselheiro não-ol-bem-o-qué? Para com isto. CLÁUDIO FERLAUTO.

MOTO

Guillera? é moto sim. Todos os tamanhos, até 750cc. A máquina veio da Argentina e pode ser encontrada, pela metade do preço das japonesas, na INDASA S/A, avenida Polônia, 140. Procurar Liverpoolman, John Bass.



FATOS & FOTOS

Finalmente o velho Bloch se deu conta (em tempo) da mancada e tirou o mau caráter do Giudicelli da direção de Fatos & Fotos. O negócio andava de tão mau gosto que assistava até leitor do Correio do Povo (gente acostumada...). Agora estão na direção Oscar Bloch e o Zevi Ghivelder. Por falar nisso, no número passado tem uma matéria (chupada da Esquerda) sobre o tenente Calley que é sensacional. Aos mais emotivos: lenco à mão.

BAR/FLÔ

Na Avenida Hercílio Luz (não poderia deixar de ser), 90, Benito Freitas dirige o Oscar Bar, em hotel do mesmo nome. Não tem alexander mas o uis-que é mais quente que o João Butkin. Ponto preferido pela vanguarda florianopolense. Além do mais aí você encontrará mais carocas que no Rio de Janeiro.

CINEMA

Um filme familiar, ou a Invenção da Bahia pelos gaúchos é o que esta sendo preparado na rua Clarisse Indio do Brasil, em Botafogo. Num roteiro bíblico, adaptado por Luis Carlos Meckel, Tarso e Bárbara de Castro serão "Jesus e Maria". Madalena, figura importante na trama: a crioula Marina Montini.



HARRY SABUGOSA

GÁSTRICA (UM, DOIS, TRÊS)

Gastronomia, ao contrário do que se poderia ignorar, não é a parte da astronomia que estuda a poeira cósmica ou os gases interestelares. Trata-se da «arte de bem comer», «arte de se regalar com bons acepipes». No fundo, um nome repante para pecado tão velho: a gula.

GULA,

Em planeta assolado pela fome, não causa espanto que comer bem ou comer bastante seja pecado. E pecado não contra si (como nos ensinava o catecismo) mas sobretudo, colete e palitô contra os outros, que não têm o que comer.

Não passaram de coerções sociais subliminares tôdas as tentativas, desde a eleição da gula como pecado até a moda das dietas (que metas!), para obrigar o distante a comer menos a fim de sobrar mais para o próximo.

Por aí já se vê que a sociedade sempre teve a tendência pouco competente de acreditar ser mais fácil remanejar a distribuição das fatias de que aumentar o tamanho do bolo. A turma não se manca. Até nos vestibulares é assim, mas isto não vem ao caso.

O guloso, sem dúvida o primeiro dos anti-heróis, nunca se perturbou muito e sempre seguiu à risca e com risco seu destino de eminente bispo sardinha rodeado pelos dentes eminentes dos castes.

Época houve em que, cheio das tais repressões sociais humilhantes («Zorra, não se pode mais nem mastigar em paix!»), o guloso não virou, o prato e, pelo contrário, contratou com o «slogan»: «Dai-me gordura que eu te darei formosura». Um mimo, não é? E foi uma glória. Pena que a primeira guerra mundial tenha dado cabo de tôdas aquelas banhas e babados sobrantas.

SALAGATULA, MEXICABULA ...

A propósito, informo confidencialmente: Rubens, o pintor, deveria ser o preferido dos gulosos. Mas muita gente que come é mais Modigliani. Entre eles, moi, cá o Degas.

A Gastronomia, encurrada pela sociedade famélica, tonitornou-se uma restrita ação entre amigos. Hoje, há a tendência para considerar que gastrônomos formentis todos os cremos somos. Ledo engano, Ivo.

Somos todos os que comemos gastrônomos tanto quanto os que apenas olham para o céu são astrônomos.

Em tôdo o caso, a matéria prima está à mão. O bolso é que é furado. E a cuca.

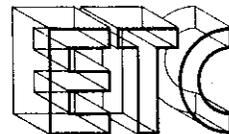
Vale a pena ser guloso? É só tentar, se puder e quiser. Para tanto, comece lendo nas entrelinhas de São João e concordando comigo ao menos uma vez ao longo deste (argh!) artigo:

«Tudo vale a pena se a pança não é pequena».

decretati

NA PRIMEIRA INFÂNCIA É QUE SE FAZ (DE PÚBLICO) O QUE O JOAZINHO FAZ

passada essa fase, quem teve uma infância sadia, como a nossa, faz fotos bacana paca, supera enfim as fixações infantis.



A PRISIGUIDA

Em termos de floclore estamos assim: recolhido do livro de Leonardo Mota, "No Tempo de Lampião": "Uma ocasião, certo médico foi consultado por um matuto cuja filha donzela estava com uma feridinha nas chamadas partes pudendas. Não havia jeito do pai declarar onde era a tal ferida. Mas tanto o médico insistiu que, afinal, o homem revelou a terrível verdade:

— Seu doutô, a ferida da menine é na prisiguidal!

RESPOSTAS DO JOGO DAS REUNICÕES DANÇANTES

- a) Cotinha — b) Ana Lúcia
- c) Darlan — d) Heráclito
- e) Faeco — f) Ellis Regina
- g) Luis Henrique — h) Martau
- i) Osvaldo — j) Beth Revarbel
- k) Chico Young
- l) Andreatta — m) João Palmeiro
- n) Mutinho — o) Katinha
- p) Maria Izabel — q) Berenice Lopes
- r) Joaquim Keka Souza Gomes.

Mul Digníssimo Senhor Redator: Tendo chegado à Nossa Egregia congregação o conhecimento de um novo órgão cultural sul-riograndense, abrihantando mais assim o nosso panorama beletrístico, vimos pela presente trazer nosso total apoio em nome da mulher gaúcha a este semanário. Academia Feminina Sul-Riograndense de Letras.

(seguem-se oitenta assinaturas tôdas devidamente reconhecidas).

(colaboração)

ODE A CAPÃO DA CANOA

(Revista Athenéia anno XVII nº 107 fac. B)

Eu aqui lhes vou contar Minha viagem ao mar. A viagem foi muito boa Até Capão da Canoa. As moças usavam sêla Como se fosse a Rua da Praia. O Doutor Loforte Embora não muito forte Usava bengala Como em noite de gala.

(seguem-se mais 24 cantos que não publicamos por falta de espaço) AURORA LOFORTE.

Sr. Coi Lopes de Almeida

Toca em frente pt Tia Marquarda

Sr. Ferlauto pt morre o arquiteto pt nasce undergroundman pt pásamos pt ONI... pt Paris pt

Correio da Manhã

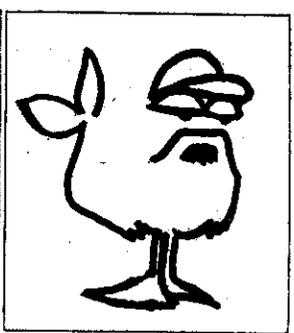
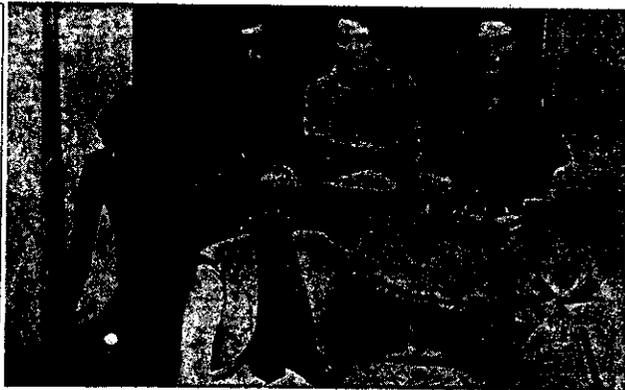
• Rio de Janeiro, terça-feira, 12 de abril de 1971 - Ano LXXX - N.º 23.924

UMA IDÉIA NOVA NAS BANCAS DO SUL

Da Secreção de Porto Alegre



Na foto, a equipe que criou o jornal. Da esquerda: Cláudio, Assis, Renato, Sérgio, Veríssimo e Felizardo (no cavalete)



O Peto Macho terá vários modos de aparecer, de acordo com o assunto. O n.º 1 não saiu mas já é sucesso. Tem muitos anúncios.

O negócio agora é o Peto Macho, nascido morto enterrado no Rio de Janeiro no século passado e agora resuscitado por uma patota do Rio Grande do Sul. Peto Macho é um jogo em forma de jornal. O primeiro número vai sair dia 14 (o fechamento foi dia 7) e o do jogo do "Simenodol". Enama todos os caminhos para o pessoal se mandar do Sul, para novos caminhos.

A turma que fez o Peto Macho não quer que ele tenha nada de Pasquim. É simplesmente um novo jornal, nada mais. Foram aplicados 20 mil cruzeiros no lançamento (primeiro em Porto Alegre e mais cinco cidades do interior gaúcho), com uma tiragem inicial de cinco mil exemplares. A campanha publicitária está sendo feita apenas na Rádio Continental, uma emissora que está começando a se firmar.

A idéia de fundar um novo jornal surgiu em 1966, quando uma turma se reuniu na casa de Cói Lopes de Almeida sem qualquer finalidade. Nesta reunião estava o Tarso de Castro, que veio para o Rio de Janeiro e fundou O Pasquim.

— Para falar a verdade — diz Cláudio Ferlauto — O Pasquim nasceu na casa do Cói e era para ter sido lançado aqui.

A idéia não vingou e a turma partiu para uma outra empreitada: fizeram a revista da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, a Imagem. Processaram e cada um voltou para o seu lugar.

Mas a vontade de fundar um novo jornal em Porto Alegre (um jornal que jogasse com a inteligência do leitor), não havia morrido. No ano passado eles tornaram a se reunir. Ferlauto conseguiu o dinheiro e a botijão do jornal começou. A primeira grande dificuldade foi encontrar um nome. Pesquisaram nos antigos jornais gaúchos mas não encontraram nada. Acabaram encontrando o nome entre os velhos jornais do Rio de Janeiro.

A linguagem será própria, sem nada de Pasquim. Pretendem criar termos novos. Até agora o único termo criado foi o "Simenodol", que define o primeiro número. O número de páginas não poderá ser inferior a 10, porque o jornal com menos páginas não é jornal. E folhetim", na opinião de Ferlauto. O tamanho é latido e dobrado em quatro, como um underground. Ferlauto diz que apesar disso, o Peto Macho não é um underground.

— Peto Macho underground? Uma pitada! Under é o Diário de Notícias, underground, o Correio da Manhã. Somos é underground. Idéia boba, entendido?

O Peto Macho está no nível do antijornal e a fim de brigar com todos os outros jornais gaúchos, apesar de ser um semanário.

Para o primeiro número há um jogo ensinando a sair de Porto Alegre. "Desagrar se vai, ao longo". Um jogo igual a qualquer outro, na base do dado. Os números marcam os pontos principais de Porto Alegre, como o aeroporto,

a rodoviária, o hipódromo etc. São 80 "casas". A partir da 70, o pessoal que está jogando começa a arrumar emprego na Cia. Jornalística Caldas Jr., na Zere Hora, etc. e a ficar pelo meio do caminho. Quem conseguir chegar a casa 80 — que é bastante difícil — obterá o direito de retornar ao número um e começar tudo de novo.

O jogo está nas páginas dois e três. As páginas quatro e cinco são do Som Livre. A seis expõe as razões para os gaúchos saírem do Rio Grande do Sul, seis traz um lançamento: a novela Imenso Bonaparte. O personagem principal, o João Bobagem, é o Rui Sommer, dono da mais badalada boate da capital gaúcha, o Encouraçado Bunkin. Cói Lopes de Almeida e Tala Pimentel contam as fotos da cidade nas páginas oito e nove. A página 10 é um guia enciclopédico com os que já se mandaram do Sul, desde o Góddio Vargas. Na 11, estão várias opiniões sobre os meios de comunicação. A 12 é a página do roteiro do "Simenodol". A 13 é a página de sergão. As 14 e 15 são uma miscelânea: ali estarão as cartas, horóscopo e a chamada "Bóia de Emprego" — quem quiser emprego é só escrever, mandando uma foto 3x4. O Peto Macho se propõe a procurar emprego para todo mundo e firmar esse público como leitor. Haverá ainda um consultório sentimental, de Tala Pimentel, sob o pseudônimo de Odete de Grécia. A capa é uma foto-matéria. Neste primeiro número será uma foto sobre o próprio

Peto Macho. A última página será sempre a foto de uma mulher da sociedade porto-alegrense.

— A foto pode ser também de uma matrona desleixada de cidade. O segundo número já será totalmente de outra forma. O que estava na centena e 9 — (fotos) passará para as páginas dois e três.

O jogo, que será o da reunião durante, estará nas páginas quatro e cinco. Na seis estará o humorista Carlos Nobre, com o seu tradicional Olho, Góddio. Na sete, Luis Fernando Veríssimo escreve crônicas. Nas páginas oito e nove deverá estar uma grande reportagem. Os editores do Peto Macho pretendem relançar as grandes reportagens ao contrário das grandes entrevistas do Pasquim. Para isto eles pretendem criar um repórter através de um concurso em estudos ainda.

Na página 10 do segundo número estará um artigo sério. Não, um mapa, mostrando como se chegar até os melhores cachorros-quentes de Porto Alegre. Na 12, o The Peto Five, um material underground, enviadas pelos colaboradores que estão em Londres, Paris e Nova York. A foto — matéria, que antes estava na primeira página, agora estará na página 18. A 14 e 15 continuarão com o consultório sentimental, bóia de emprego, horóscopo.

Os três primeiros números sairão à quarta-feira. Os editores não pretendem se organizar bem ou fazer prognósticos enquanto não chegar ao terceiro número. Depois

decidirão o que fazer, realmente: a continuar com o Peto Macho ou desistir. Ferlauto acha que o Peto Macho não vai comprar Porto Alegre. Ferlauto diz que o Peto Macho vai vender uma briga com O Pasquim.

— Pasquim já era. Achamos O Pasquim uma droga, um jornal que vende um estado de espírito. É tão importante, mas já era. A força do Pasquim estava no cartom, na entrevista e na dica. A do Peto Macho estará na foto e no cartom. Há 10 cartunistas gaúchos trabalhando e se lançam no Peto Macho. São ótimos e têm espírito de universalidade.

A dica, no Peto Macho, será o próprio jornal. Todo o jornal é uma dica, ensinando "um mundo de coisas" para o leitor. O Peto Macho pretende, ainda, fazer o leitor pensar, jogar com a sua inteligência.

— Será vendido a um cruzeiro e exemplar e o cartom custará 10 cruzeiros para a publicidade. Uma página sairá por 1.800 cruzeiros. Com o segundo número será feita a experiência do Self Service, o Peto Macho se vendendo sozinho.

Em plena Rua da Praia será colocada uma caixa com 100 exemplares do Peto Macho. Quem quiser é só chegar, colocar o dinheiro no lugar e levar o jornal. Haverá um folégrafo de plantas fazendo toda a história da Caixa de venda. No terceiro número, esta história, com os honestos e desonestos estará sendo contada pelas fotografias.

— Não é possível fazer um lançamento nacional. É como um jornal do interior do Estado querer

ter mercado em Porto Alegre. Pelotas, por exemplo, compra Porto Alegre. Mas, Porto Alegre não compra Pelotas. Assim, São Paulo não vai comprar Porto Alegre.

— Pasquim já era. Achamos O Pasquim uma droga, um jornal que vende um estado de espírito. É tão importante, mas já era. A força do Pasquim estava no cartom, na entrevista e na dica. A do Peto Macho estará na foto e no cartom. Há 10 cartunistas gaúchos trabalhando e se lançam no Peto Macho. São ótimos e têm espírito de universalidade.

A dica, no Peto Macho, será o próprio jornal. Todo o jornal é uma dica, ensinando "um mundo de coisas" para o leitor. O Peto Macho pretende, ainda, fazer o leitor pensar, jogar com a sua inteligência.

— Será vendido a um cruzeiro e exemplar e o cartom custará 10 cruzeiros para a publicidade. Uma página sairá por 1.800 cruzeiros. Com o segundo número será feita a experiência do Self Service, o Peto Macho se vendendo sozinho.

Em plena Rua da Praia será colocada uma caixa com 100 exemplares do Peto Macho. Quem quiser é só chegar, colocar o dinheiro no lugar e levar o jornal. Haverá um folégrafo de plantas fazendo toda a história da Caixa de venda. No terceiro número, esta história, com os honestos e desonestos estará sendo contada pelas fotografias.

OUTRA IDÉIA SAI DO PASQUIM ESTE MÊS

No Rio, a turma do Pasquim faz um novo jornal. O primeiro número sairá este mês, mas o segundo sairá em maio. Tarso, o diretor, garante o sucesso com "amenidades" e sem problemas na censura.

Um jornal um pouco maior que o Peto Donald em linguagem livre e com violenta participação dos leitores é a idéia de Tarso de Castro, Luis Carlos Maciel e Glauber Rocha. Prometem um novo semanário de circulação nacional a ser lançado na próxima semana deste mês: o JA — Jornal de Amnésia. O forte será a informação sobre o consumo, mas tudo na base de saques, como diz Maciel.

O jornal, meio-tábilide, está surgindo na redação do O Pasquim desde os últimos dias de janeiro, mas não tem nada a ver com esta empreza, segundo dizem os editores. Entre "as doses de usque de Tarso" e "os refrigerantes de Maciel", as decisões estão sendo tomadas sem muita pressa. Tarso acha que planejamento é "meio de mesa-debar" e Maciel diz que isto nem existe. Ele "não está nessa de teorias e planejamentos". O certo é que há uma idéia de fazer o jornal e pouco a pouco ele começa a se definir.

Alguns nomes já foram escolhidos para fazer o semanário. Glauber, Maciel e Tarso vão trabalhar com Maria Alencar, diretora de redação do O Pasquim e convidaram o jornalista Zoenir Ventura para fa-

zer parte da equipe. Walter Brandão do departamento de arte e Ewald Albano, "que muita gente não conhece", diz Tarso, "mas que só faltava na base de 100 milhões" cuidará da publicidade.

— Nós somos práticos, fazemos tudo de uma maneira empírica, muito louca. Vamos fazer o jornal para depois ouvir o que ele é ou não é.

Esperando Tarso num bar da Rua Clarissa Índio do Brasil, Maciel sorri quando fala do jornal. Não quer contar nada porque o primeiro número não saiu ainda e nem ele sabe o que poderá ser o JA.

Pede para perguntar para o Tarso, "que tem um tipo de loucura diferente e poderá adiantar mais coisas sobre a publicação".

— As coisas acontecem muito depressa. O novo virou consumo e um jornal tem que correr numa velocidade igual à dos acontecimentos. Não deve ter sensibilidade diante de idéias acontecendo: uma coisa chamada saque seca?

— O que eu sei é que a medida que o jornal começa a ser feito irá adquirindo mentalidade própria. Há uma idéia básica de fazer

um jornal com um ponto forte: a informação sobre o consumo. A partir dessa idéia ele irá nascendo. Tarso não chega. Maciel conversa com um amigo no bar, procurando lembrar alguma coisa sobre o JA. Augusto, o amigo, diz que também vai trabalhar no jornal, sem nenhuma função específica: "Todos vão fazer o jornal, não tem isso de cada um com setor, dividido que nem linhas de montagem de fábrica de automóvel". Maciel concorda e acrescenta:

— O jornal vai ser tão ameno que não terá problemas com Censura. Vai ser uma espécie de rotuleiro do consumo, mas acho que não vai ser tão ameno e posto de fechar em poucos meses, até pelo contrário, ele deverá alcançar uma tiragem de 200 mil exemplares no segundo mês.

Os dois resolveram esperar Tarso numa sala de O Pasquim. Maciel vai escrever sobre música no jornal, mas será um crítico "bassas chatos que existem por aí".

— Falar sobre tancas que estão acontecendo. A década de 60 foi intensamente de criação de invenção na música. A de 70 tem sido

de pura redundância, parece que a criação artística realmente. Outro dado da música atualmente é que desapareceram os líderes, no sentido de orientadores de caminhos a serem seguidos. Hoje nenhum dos compositores sabe para onde vai, qual é o caminho. Não existe mais isso.

— Foi o que aconteceu com Caetano em sua visita. Muita gente procurou Caetano para mostrar música e ficou aguardando uma orientação e ficou decepcionado porque Caetano não fez nada nesse sentido. Acho que foi com muita razão. Caetano não tem obrigação de ser uma fábrica de novos movimentos, de orientações. Assim, você tem razão quando diz que ele "calou e disse".

Enquanto Maciel não fala diretamente das perspectivas do Jornal de Amnésia, Tarso não perde tempo. Faz a apologia do jornal em sua maneira característica de falar sobre as coisas: para ele, o JA é uma "revolução na história da imprensa".

Na sala, cheia de cartazes e símbolos colados nas paredes, ele fala no telefone. Pede dinheiro, manda cobrar um cheque, despe-

cha uma menina que queria emprego e de repente abra uma garrafa e tira um litro de usque, "que é muito bom para trabalhar". Toma uma dose.

— O JA é um jornal que vai dar um passo à frente na imprensa brasileira, atender um público que ficou sem jornal. Tudo é verdade, são diversos jornais que atendem faixas de público, todas elas muito boas, nenhuma se dirige especificamente ao pensamento jovem.

Lembra que o Pasquim estabeleceu a sua o seu público próprio. Acha que não haverá strito entre as duas empresas embora os outros acionistas de O Pasquim não saibam de nada.

— O JA não tem vínculos com nenhuma empresa. É um empreendimento novo. Sómente por acaso alguns nomes de O Pasquim, estão no JA. Estes nomes são a linha da renovação que se deu nos últimos anos.

— O que queremos fazer é um jornal de hoje, entrosado e sintonizado com o mundo. Os acontecimentos vão estar no JA no momento em que estiverem ocorren-

do no exterior. As coisas que acontecem lá fora chegam em Brasil e com um mês de atraso.

— O jornal é um sucesso. Não tem falhas, é perfeito. Vai ser o mais vendido do País, vai apresentar o seu tipo próprio de cultura falando de discos, livros, cinema, televisão, o consumo em geral. Vai ter uma linguagem totalitária livre e acabar com a frequência de que here é alguma coisa difícil de entender.

— De saída o JA acha que a crítica está fadada no Brasil e não vamos mostrar isso — que os críticos são umas bostas, e que os jovens estão bocejando pela seriedade deles.

Tarso quer entrar violentamente com o "jornal perfeito", que vai custar 50 cruzeiros e a manter, nas primeiras edições somente pela venda e "a ajuda de Deus".

— Só permito que se fale do JA se for feita esta observação: quem quer estar por dentro do consumo vai ter que conhecê-lo, se ele for cumprida ou adiante uma das surpresas do jornal, uma coluna social escrita pelo Romildo Bescoll, você já imaginou?



A PATADA

O índio tá na jogada do Simondol. Assis Hoffmann flagrou no Paraguai o próprio, sem lenço e sem documento enbonecando os pisantes.

Pato Macho n.º 2, 21 de Abril de 1971

Pato Macho C\$ 1,00

PATOMACHO

EDITORIA

Jete de cracy
 the pato time
 o nobre
 a mónica
 José onofre
 o patonorio
 tatata pimental
 charles
 o 2º jôgo
 beto prado
 levitã



1 Os rapazes da minha rua vivem me chateando só porque pinto os lábios e estou usando sapatinho alto. Onde eu estudo (Filosofia da PUC), o ambiente contra mim é o mesmo. Sou um rapaz sem sossêgo.. O que faço? (Jaqueline — P. Alegre).

2 Minha irmã tem apenas 17 anos e casou a semana passada, eu já estou com 58 e não consigo arranjar marido. Devo desistir? (Desgostosa — Tapes).



3 Descobri que meu noivo é bicha. Que faço, por amor de Deus? (Desiludida da Cidade Princesa).

4 Sou gamadíssima pelo Caubi Peixoto e o sonho da minha vida é encontrá-lo para dizer-lhe da minha paixão. Devo ir ao seu encontro, mesmo no asfalto da avenida? (Esperançosa — Mussum).

1 Senhor Jacqueline: O que se passa com você é um problema de moda, nada mais supérfluo. Aconselharia entrar para o Curso de decorações de bôlos e canapés artísticos de Dona Mimi Moro, em vez de frequentar a PUC, lá não terá esta animosidade contra si, já fizeste alguma vez teste vocacional? Aconselho.

Mude-se também para a Mostardeiro ou 24 de outubro, de preferência perto da Caixa D'Água, esta maneira de vestir-se é o último grito, inclusive com butikês especializadas.

2 Querida Desgostosa. Sua irmã, será uma infeliz, pois deu a flor de sua juventude para um único homem, você que é a feliz, sem compromissos, sem eira nem beira, dona de seu nariz e de sua cama. Nada melhor do que chegar solteira aos 58. Mas cuidado a menopausa está te rondando. Procure uma clínica especializada em rejuvenescimento. Recomendamos a de Dr. Felício Santos. Toca em frente.

3 Querida Desiludida, ter noivo bicha é normalíssimo, os rapazes atualmente são muito versatéis, Bicha burra nasce homem, sabia? Se você casar com este rapaz terá grandes chances de ser uma das dez mais de Porto Alegre e comprar modelitos Clodovil.

4 Dona Esperançosa, no próximo Caranavi inscreva-se no Contur e terá a chance de sua vida. Pois agora Caubi será o convidado eterno da Secretaria de Turismo de PAlegre, abrihantando assim o asfalto do fim da Borges. Não desista,

Odette de Crécy

- AGUARDEM O PATO 3

OPINIÃO

INTELIGÊNCIA

Nesta nossa mui leal e valerosa cidade de Pôrto Alegre, existe um bocado de gente vidrada em livros sobre quadrinhos, mas completamente desorientada. Desorientada e mal informada. Tudo isso porque não conhecem o Cláudio. Também conhecido por Obelix, pela sua semelhança física com o companheiro de ASTERIX, aquele herói nanico francês. Mas como eu ia dizendo, todos aqueles viciados em quadrinhos antigos, como modernos, estão de parabéns. O Cláudio encomenda o que você quiser. Não tem importância que seja da França, Itália, Estados Unidos, Inglaterra ou Suíça. Não há livro que o Cláudio não tenha lido ou ouvido falar. Ainda por cima, o homem fala e escreve vários idiomas. É o homem certo no lugar certo. Anote no seu caderninho:

Cláudio Ullmann, sobreloja da Livraria do Globo, seção de livros técnicos. NILUS

O homem do futuro talvez venha a ter um crânio sem cabelo e com maiores dimensões para abrigar um cérebro maior. Terá também o direito de possuir inteligência no grau que desejar. Isto porque já em nossos dias, após metuculosas pesquisas, dois renomados cientistas chegaram à conclusão de que é possível extrair um soro do cérebro que, aplicado, em outro, poderá lubrificá-lo amplamente. Mais uma vez, a ficção vai-se incorporar ao cotidiano. Mas longo tem sido o caminho trilhado pelo homem para descobrir os mistérios do cérebro.

3456789

Roberto Mendel, Recife



NO PRÓXIMO:

FUTEBOL

IBSEN, RUY, ONOFRE, COI, LUIS FERNANDO - O GRANDE DEBATE

NOBRE X HOFFMEISTER (!)

O ESTRANHO CASO DOS DISCOS VOADORES E MAIS, MUCH MAIS!



PEDRO A.G. CARLOMAGNO

cpf 055483810

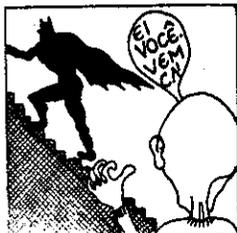
CICERO C.F. ALVARES

cpf 055223580

ADVOGADOS

Andrade Neves 159 Ed. Amazonas c/ 114-115

Fone 25 6305 24 2796



GEFFON ©